



REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma 02

2018

ANO LXV
Trimestral

nenhum excluído
Ver... para interpretar

Nesta edição: tradução dos textos para a Língua Portuguesa

dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 02 . 2018

Ano LXV
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyllenstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** è realizzata sobre carta
ecoligica certificadta FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por un elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa
periódica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL: Ver para interpretar 03

O caminho é a Paz
A paz é cconstruída pelos
jovens 04

Cultura ecológica
A não-violência como
cuidado com a Criação 05

Fio de Ariadne
No ritmo do discernimento 07

Dossiê
Sonhos de vida que motivam
um caminho de esperança 09

O caminho de Damasco
Educadores acolhedores 13

Horizonte família
O matrimônio como vocação 16

O caminho de Damasco



Mulher

Mulher educadora 18

Focus

Tecer culturas 20

A voz dos jovens

O milagre da COMUNHÃO 29

Polifonia

A estrada não tomada 23

Comunicar

No país das maravilhas 25



Cinema

Maria Madalena 27

Literatura

Ternura. A revolução do
pensamento gentil 29

Música

Ver para interpretar 30

Laboratório-imagem

Ver e interpretar na fase de pré-
produção de um vídeo 31

Camilla

A culturavocacionaç 34

Dossiê

09



Ver para interpretar

Este ano, em comunhão na Igreja que celebra o Sínodo dos Bispos sobre os jovens, estamos caminhando, em todo o mundo, com os jovens. Com eles começamos a entrelaçar quatro verbos na missão à qual somos chamados: *sair, ver, chamar e sonhar*. Com eles tomamos a estrada do SAIR. *Reconhecemos a realidade plural em que vivem*, entrevendo os chamados de Deus no tecido desta realidade.

Mais uma vez somos chamados a VER... para INTERPRETAR, JUNTO COM ELES, os sinais de Deus nas situações pelas quais passam tantos jovens que enfrentam dificuldades para assumir um projeto de vida. Os jovens são uma força profética na Igreja. Os jovens *“esperam uma Igreja que saiba reconhecer com humildade os erros do passado e do presente e empenhar-se com coragem a viver o que professa. Ao mesmo tempo, os jovens procuram educadores com rosto humano, prontos, se necessário, a reconhecer as suas fragilidades. Outras categorias fundamentais do documento são: vocação, discernimento e acompanhamento. Os jovens sofrem hoje pela falta de verdadeiros acompanhantes, que os ajudem a encontrar o seu caminho na vida, e pedem à Comunidade cristã [educativa] de encarregar-se da sua necessidade de guias autorizados”* (intervenção do Cardeal Lorenzo Baldisseri. Conferência Imprensa 24.03.2018)

A Comunidade educativa é chamada a criar um clima de profunda resposta vocacional, ajudando os jovens a interpretar os sinais de Deus, no discernimento cotidiano da vida. E, sobretudo, é convocada a uma missão bonita: acompanhar os jovens em sua busca de Deus, na construção do projeto de vida ancorado nos valores evangélicos, seguindo as pegadas de Jesus, a fim de que o Reino de Deus seja uma realidade transformadora de nossa sociedade.

INTERPRETAR é um verbo do Espírito Santo. Este exercício de interpretação realiza-se num diálogo interior com o Senhor, pondo em jogo todas as capacidades da pessoa, com um desejo profundo de confrontar-se com a Palavra de Deus que abre os nossos olhos às realidades mais íntimas do nosso ser. É o Espírito que nos ajuda a discernir os movimentos do nosso coração e a entrar em um processo de purificação para percorrer, na transparência, os caminhos que nos convida a fazer junto com Ele.

O Sínodo dirige-se a todos os jovens, nenhum excluído. E nós, nas pegadas da preventividade salesiana, retomamos um renovado cuidado dos Jovens, com uma atenção amável, fundada na fé que nos impele a acolher a experiência deles, no diálogo discreto, profundo, como quem acolhe Deus mesmo, em seus rostos.

Educamos o nosso olhar para um VER carregado de possibilidades, de capacidades para ressignificar o carisma salesiano junto aos jovens, deixando-nos transformar pelo encontro. E com eles ser um novo “fermento na massa” para um Reino de paz, de harmonia e de escuta. Ninguém excluído: com eles em uma rede de proximidade solidária.

Confiemos a Maria – Mãe do abraço – o nosso empenho-desejo de abraçar as expectativas mais profundas de cada jovem, interpretando com eles os chamados de Deus para que eles, por sua vez, possam descobrir a beleza do discernimento, experimentar a ternura da intimidade com o Senhor da Vida, e a coragem do testemunho.

Maria Helena Moreira
mhmoreira@cgfma.org

A Paz é construída pelos jovens

| Gabriella Imperatore, FMA

gimperatore@fma.org

Os jovens desejam de todo coração, a Paz. Pedem um mundo habitável para todos. São muito concretos. Empenham-se em escolhas que incidem para debelar a fome, a sede, a violência, para promover o respeito aos direitos e à dignidade de cada homem e cada mulher. Têm sede de verdade e de justiça, querem poder valer. Procuram mestres, pontos de referência autênticos, testemunhas confiáveis. Quando encontram confiança, estão dispostos a arregaçar as mangas e a gastar-se com generosidade, empenhando-se em primeira pessoa, desarmados e desarmadores, sem desistir, porque a Paz é possível.

O futuro está nas mãos dos jovens que têm asas para voar e sonhar, e raízes para receber de quem veio antes deles. Os jovens não querem a guerra, querem a paz. Os jovens precisam de asas para sonhar um mundo melhor, e para protestar contra a guerra.

“Não tenhais medo”. “Construí pontes de Paz, construí um futuro melhor e lembrai-vos de que **o futuro está em vossas mãos**” (Papa Francisco).

■ Paz e fraternidade

Na Emilia Romagna, região do Centro da Itália, aconteceu uma iniciativa dos *Jovens para a Paz* no signo da fraternidade: um mural e a amizade com os jovens muçulmanos de Ravenna.

No Município de Savignano sul Rubicone foi colocada uma mensagem de fraternidade colorindo um lugar público – assim contam Mateus e Josué. Numa passagem subterrânea que liga a rua principal à estação dos trens, os jovens puseram um mural em que, ao lado de uma ponte, símbolo da

cidade, foi escrito: “*Let’s bridge*” e “*Cidadãos do mundo*”, em várias línguas, com a ajuda de jovens estrangeiros de passagem.

O resultado foi um trabalho coletivo, um sinal visível de paz. O projeto dos *murais* foi ocasião para um primeiro contato com o Iman da Mesquita de Ravenna, Mustafá Soufi (Presidente do Congresso Islâmico Europeu dos Imans). Depois de três meses o trabalho na passagem subterrânea foi inaugurado e aquele se tornou o lugar símbolo da Paz.

Mateus e Josué são dois jovens *Embaixadores da Paz*. Um título honorífico que lhes foi atribuído pelo Círculo Universal dos Embaixadores de Paz, com sede em Genebra, com o objetivo de pôr em relevo os que trabalham pela paz, também entre os jovens, crianças e adolescentes (dos 6 aos 18 anos).

Há vários anos organizam, em sua região e junto com outros jovens, a *Feira da Primavera, em colaboração com as escolas, associações e administrações municipais, para construir ações de paz e fraternidade.*

«*Para construir a Paz é preciso respeitar-se e não ter medo das diferenças. O que pensar de tantos jovens muçulmanos que encontramos na escola ou talvez cruzamos pela estrada? Também eles são nossos irmãos, construtores de Paz, junto conosco*».

Construir um mundo de paz não é uma utopia, mas o futuro que se quer construir: um empenho que parte de cada um de nós e que se realiza, cotidianamente, lá onde se vive: na escola, na família, com os amigos, na paróquia da cidade...

■ Paz e harmonia interreligiosa

“*Os jovens estão conscientes do seu papel e da sua contribuição para reforçar a comunhão, a paz e a harmonia entre os jovens das diversas religiões na nação*”. Mais de 40 jovens indús, cristãos, sikh, baha’i e muçulmanos, participaram

ativamente da reunião “Minority Youth Summit 2018”, organizado em Karachi, na província paquistanesa do Sindh. Paz e harmonia interreligiosa são a urgência de hoje.

Unidos não quer dizer iguais, a unidade não é uniformidade, nem mesmo dentro das confissões religiosas. Cada um tem os seus valores, as suas riquezas e também os seus defeitos. Cada confissão tem as suas riquezas, as suas tradições e a serem compartilhadas. Somente assim pode-se viver em paz, e a paz constrói-se harmonizando as diferenças. As diferenças são uma riqueza para a paz.

A Paz é harmonia. Os jovens acreditam nisso e se comprometem com esses valores; graças a eles o futuro é luminoso, e a discriminação e a intolerância da sociedade são gradualmente erradicadas.

■ A paz é jovem

Segundo a pesquisa feita pelo Movimento Juvenil de Santo Egídio, emerge que o percentual de 70% dos jovens entrevistados em 15 colégios romanos, está empenhado em iniciativas de paz e de voluntariado.

«A violência hoje não dá resultado positivo». «Nós, os jovens somos uma força ativa que quer testemunhar que os problemas se resolvem com a paz», afirma *Laura*, 23 anos, estudante de Psicologia na Universidade Pontifícia Salesiana. *Rebecca*, 16 anos, frequenta o Colégio *Virgílio* e sustenta que «a paz pode começar a ser construída na cotidianidade com atenção aos pobres e aos anciãos, às pessoas que ficam para trás».

Os jovens entrevistados fazem voluntariado ou esperam alguém que lhes faça uma proposta. «O nosso compromisso é discreto». *Ludovica*, frequenta o Colégio *Augusto* e empenhou-se num centro para anciãos no âmbito da alternância escola-trabalho. «A nossa presença para eles é o momento alto da semana. Chamam-nos de “*anjos*” e nos agradecem também pelas coisas pequenas e pela paciência». *Manfredi*, aluno do Ensino Médio, presta serviço aos Parioli, numa casa de repouso onde conheceu Maria, mulher cadeirante com seu cachorro de pelúcia no braço, símbolo da

solidão. «Queremos aprender com eles e dizer aquilo que sabemos. Queremos realizar uma aliança com os anciãos para construir um mundo de paz».

Os jovens têm um grande desejo de paz. Acreditam que seja possível mudar as coisas, e se empenham nas “periferias” existenciais mais próximas deles, na assistência aos anciãos, ao cuidado dos pobres, para conseguir concretizar esta sua missão.

“Jovens, vós sois uma profecia de paz e de reconciliação para a humanidade inteira” (Papa Francisco)

Imagina que não existe nenhum paraíso
É fácil se nos provas
Nenhum inferno abaixo de nós
Acima de nós só o céu
Imagina todas as pessoas vivendo hoje
Imagina que não existe nenhuma nação
Não é difícil de ser feito
Nada pelo qual matar ou morrer
E também nenhuma religião
Imagina todas as pessoas vivendo a
vida em paz
*Direis que sou um sonhador
Mas não sou sozinho
Espero que um dia te unas a nós
E o mundo será como um só*
Imagina nenhuma possessão
O desejo se o provas
Nenhuma necessidade de guloseimas
ou fome
Uma fraternidade de homens
Imagina todas as pessoas
compartilhando todo o mundo
*Direis que sou um sonhador
Mas não sou sozinho
Espero que um dia te unas a nós
E o mundo viverá como um só*
(Movimento imaginista)

PRIMEIRO PLANO *Cultura ecológica*

A não-violência como cuidado com a criação

Julia Arciniegas – Martha Séide

j.arciniegas@cgfma.org – mseide@yahoo.com

Diante do nosso mundo destruído pela violência e na consciência de que a Criação é um dom a ser cuidado, a contribuição, inspirada a partir da exortação apostólica *Laudato Si'*, é um

convite a promover a cultura do cuidado para assumir a não-violência como atenção à casa comum. Tal dever requer uma educação à ética dos princípios e da responsabilidade.

■ A criação: dom, casa, templo

«A criação é um dom que jorra das mãos abertas do Pai de todos» (LS 76). E é precisamente esta a fonte da dignidade e do valor de cada criatura: cada uma «tem uma função e nenhuma é supérflua. [...] Tudo é carícia de Deus» (LS 84). Todos os seres do universo somos unidos por liames invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amável e humilde (cf LS 89). Por isso somos todos chamados a “colaborar como instrumentos de Deus no cuidado com a criação, cada um com a própria cultura e experiência, as próprias iniciativas e capacidades” (LS 14). Contudo, um dos grandes problemas da sociedade hodierna é a questão da violência, força negativa que visa à destruição. A violência generalizada leva, infelizmente, a constatar que a ruptura das relações com Deus, com o próximo e com a terra, causada pelo pecado, prolonga-se hoje nas feridas causadas, de muitos modos, à nossa casa comum. (cf LS 66).

■ Um mundo devastado pela violência

Não é fácil saber se o mundo hoje é mais ou menos violento que ontem, nem se os modernos meios de comunicação e a mobilidade que caracteriza a nossa época nos tornam mais conscientes da violência ou mais acostumados com ela. Em todo caso – observa o Papa Francisco – esta violência que se pratica ‘em pedaços’, com modos e em níveis diversos, provoca enormes sofrimentos dos quais somos bem conscientes: terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis, devastação do ambiente. Com que finalidade? A violência permite alcançar objetivos de valor duradouro? O Papa está certo disso: *A violência não é a cura para o nosso mundo despedaçado* (cf Mensagem para a Jornada Mundial da Paz 2017).

O quadro das principais emergências ambientais, descrito no primeiro capítulo da LS, pode ser reconhecido em cada região do mundo, em particular naqueles focos de violência e de guerra que destroem o patrimônio natural e cultural da família

humana. É necessário, portanto, percorrer um caminho inverso: o da não-violência que requer antes de tudo uma cultura do cuidado porque “os talentos e o envolvimento de todos são necessários para reparar o dano causado pelos homens à criação de Deus (LS 14).

■ A cultura do cuidado

Contrastar a cultura do descarte em favor da *cultura do cuidado* torna-se um imperativo para quem descobre que o dom recebido implica uma inevitável tarefa. Como se manifesta esta cultura do cuidado com a criação? Ela se exprime como “amor social” e é também a chave de um verdadeiro desenvolvimento. Em nível político, social, econômico, cultural, o cuidado sustenta o desejo de construir um mundo melhor (cf Bignami B., 2016). É empenho cotidiano nas pequenas coisas, mas não renuncia a “pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental” (LS 231). Cada ação nesta direção, por quanto seja modesta, contribui para construir um mundo livre da violência, primeiro passo rumo à justiça e à paz (Mensagem Jornada Mundial da Paz 2017).

A partir desta perspectiva, a consciência da criação como dom leva a pessoa a remover do coração, das palavras e dos gestos os sinais de violência para empenhar-se em construir comunidades não violentas, que assumam o cuidado da casa comum. Neste sentido, o homem e a mulher de fé são “chamados a se tornar os instrumentos de Deus Pai, para que o nosso planeta seja aquele que Ele sonhou ao criá-lo, e responda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude (cf LS 53.67). A não-violência é, portanto, “a atitude de quem está convicto do amor de Deus e do seu poder, que não tem medo de enfrentar o mal com as únicas armas do amor e da verdade” (Bento XVI). Nesta linha pode-se afirmar que a não-violência como cuidado da criação, fundamenta-se na ética dos princípios e da responsabilidade que requer um acurado percurso educativo.

“Todos podemos colaborar como instrumentos de Deus no cuidado com a Criação, cada um com sua própria cultura e experiência, com suas iniciativas e capacidades” (LS 14)

■ Educar à ética dos princípios e da responsabilidade

Na visão cristã da realidade, não se pode separar a ética dos princípios da ética da responsabilidade, como afirmam alguns estudiosos nas pegadas de Max Weber. A primeira se refere aos valores, aos princípios e às convicções, enquanto a ética da responsabilidade toca as consequências práticas do agir. Como para a cultura do cuidado, esta se exprime na vida social e “corresponde à atitude daquele que quer melhorar o bem comum e, por conseguinte, em seu agir está preocupado com o impacto que isso terá sobre ele: o senso de responsabilidade impele, em outras palavras, a levar em consideração a totalidade das previsíveis consequências e a escolher em função daquelas consideradas melhores ou menos piores” (F. Cembrani, *A ética dos princípios e a ética da responsabilidade*, 2016, 1).

Segundo a linha da *Laudato Si'*, é necessário educar à *ética das convicções* onde a consciência da criação como dom abre ao estupor, à gratidão, à fraternidade e à beleza. Ao mesmo tempo, faz-se necessária a educação à *ética da responsabilidade* que impele esta convicção a traduzir-se em atitudes e ações concretas. Neste caso, assumir a convicção de ter recebido a criação como dom a ser cuidado, leva a pessoa a gerar uma relação com o mundo baseada na não-violência, no cuidado e na sobriedade, na reciprocidade e harmonia, na cidadania ativa e criativa. Estes princípios apenas acenados são aprofundados e traduzidos em itinerários educativos segundo as diferentes idades de desenvolvimento e os diversos ambientes educativos.

“A melhor resposta à violência é a não-violência entendida como força positiva da justiça e da responsabilidade, que se manifesta por meio da rejeição da passividade, da indiferença e da violência ”. (Domenico Muscò)

■ “Design for change” para o cuidado com a casa comum

No nosso mundo pluralista, existe uma riqueza de experiências e de boas práticas que exprimem as linhas da educação à ética dos princípios e da responsabilidade, com a

finalidade de cuidar da casa comum e, por conseguinte, de promover a não-violência. Uma dessas, ainda em germe, e muito promissora é a aplicação da metodologia do *Design for change* para uma educação ecológica a partir da *Laudato Si'*.

Design for change é uma metodologia e ao mesmo tempo um movimento internacional, com o objetivo de oferecer às crianças e aos jovens a oportunidade de traduzir as próprias convicções em projetos concretos para transformar o seu contexto de vida. Nascido em Ahmedabad (Índia) de uma mãe de família Kiran Bir Sethi em 2009, o movimento hoje está difundido em 53 nações com mais de 20.000 histórias de mudança (cf <http://www.dfcworld.com>).

Em alguns contextos, tenta-se aplicar a metodologia para a educação ecológica com ótimos resultados tanto para o crescimento das crianças e jovens como para a transformação do ambiente. Constrói-se uma Rede mundial de Escolas Católicas para a educação ecológica, inspirada na *Laudato Si'* com esta metodologia, para promover o protagonismo das crianças e dos jovens. Espera-se que os Centros Educativos Católicos possam acolher esta proposta, para que a não-violência se torne realmente *cuidado com a Criação* e, portanto, educação à paz e à cidadania responsável.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

No ritmo do discernimento

■ Teruggi Giuseppina, FMA

gteruggi@cgfma.org

Tomar decisões e orientar as próprias ações em situações de incerteza e diante de impulsos interiores contrastantes, é o âmbito do exercício do discernimento. Aplica-se a uma pluralidade de situações: é um discernimento dos sinais dos tempos, um discernimento moral, espiritual... O espírito fala e age por meio dos acontecimentos da vida de cada um, mas os eventos em si mesmos são mudos e ambíguos, porquanto se

pode dar a eles interpretações diversas. Iluminar o significado em ordem a uma decisão, requer um percurso de discernimento. (Do documento preparatório – Sínodo 2018)

■ Um processo mais atual que nunca

Não nos é estranha a realidade do discernimento, do qual fazemos experiência na vida cotidiana ou em circunstâncias particulares. Temos consciência de que realizá-lo não é fácil: é como enfrentar um caminho íngreme de montanha para chegar ao cume. Depois de uma partida entusiasmada, encontram-se trilhas sempre mais empenhativas. A subida revela-se mais cansativa do que se pensava.

O discernimento é uma atitude permanente, é um processo gradual e contínuo: em cada momento somos chamados a escolher. Constatamos, em nossa sociedade, a dificuldade de viver em estado de discernimento: fazem esta experiência as pessoas muitas vezes confusas nas decisões a serem tomadas; fazem esta experiência os jovens expostos ao vórtice de tantas possibilidades apresentadas como as melhores soluções às suas expectativas. Escravos de um *zapping* contínuo, sobretudo midiático, onde podem navegar e interagir ao mesmo tempo em variados cenários virtuais. A *cultura da abundância* envolve hoje o mundo todo, também onde existem discriminações sociais e econômicas: é uma cultura que promete felicidade.

Para os jovens – e muitas vezes também para nós – fazer um autêntico discernimento torna-se um desafio cheio de obstáculos: a fadiga de abandonar o estilo do *tudo-e-imediatamente*, de superar um modo de viver com vista curta e horizontes estreitos, encajado no *aqui-e-agora*. Obstáculo é a cultura da *imagem de si* construída na expectativa e no juízo dos outros, que torna incapazes de escolher livres.

Também diante da tarefa fundamental de decidir-se por um projeto de vida, eis o condicionamento do medo de enfrentar um novo caminho, o medo de que ele exija muito esforço, a incerteza de que nele os próprios sonhos possam efetivamente ser realizados.

Não poucos jovens experimentam a *fadiga da responsabilidade*, a *indiferença* diante do mundo e da sociedade. Arrastam, desde a infância, *complexos* não superados ou *traumas* não integrados, um senso de *desconfiança* que mina a raiz da própria identidade, antes de ter obtido a prova do próprio valor e uma correta autoestima e aceitação de si. Emerge em muitos um fundo de *angústia* diante da vida e das responsabilidades que esta comporta.

Trata-se de um quadro problemático e real, que torna ainda mais urgente educar-nos ao discernimento para acompanhar os jovens.

■ Orientações para o caminho

É iluminador confrontar-se com as orientações da Igreja, em que o discernimento é um conceito clássico. Papa Francisco, num encontro com os Jesuítas polacos, em Cracóvia, afirmou que «a Igreja precisa crescer no discernimento, na capacidade de discernir». Exortou os Jesuítas a trabalhar com os seminaristas «dando-lhes aquilo que nós recebemos dos Exercícios: a sabedoria do discernimento».

O Papa indica nesse encontro a capacidade de exercitar a própria liberdade ao tomar decisões, em particular aquelas que dizem respeito à identificação dos meios para alcançar o fim que nos propomos, isto é, escolher aquilo que agrada a Deus no concreto da vida, para o bem comum. Na *Evangelii Gaudium*, o discernimento é visto como abordagem à vida, que brota da familiaridade com o Evangelho. Não está associado apenas à virtude da prudência ou à capacidade de juízo correto e nem mesmo se trata de uma abordagem teórica: do discernimento devem brotar ações concretas que visem ao máximo bem possível nessa situação concreta, para essas pessoas. A prova da realidade ajuda a verificar a real bondade da decisão. Nesta ótica, a *alegria do Evangelho* é critério de discernimento no sentido de que se faz todo o possível para realizar o bem maior nessa circunstância e com essas condições.

Na Exortação Apóstólica *Amoris laetitia* o Papa destaca a necessidade de um acurado discernimento pessoal, acompanhado por aquela pastoral eclesial que o confirme. Seguindo a linha inaciana, ele exorta a aplicá-lo em todos os casos, sobretudo nos mais difíceis. Estes últimos, de fato, não se

resolvem apenas por meio da aplicação de uma norma, mas se referem a situações que se verificam em meio a condicionamentos, limites, contingências históricas psicológicas, culturais, sociais.

O discernimento, mais do que um ato episódico, é um processo para encontrar uma solução: com base nos testemunhos do Evangelho, deduzimos que não constitui um processo sofisticado, nem uma atividade mental reservada a pessoas sábias, é, ao contrário, aquela capacidade dos simples e dos pequenos de reconhecer «o momento da graça» em que Deus está agindo.

As recentes *Orientações* da CIVCSVA “Para vinho novo, odres novos” colocam-se na linha de um “exercício de discernimento evangélico, no qual busca-se reconhecer aquele *apelo* que Deus faz ressoar na situação histórica. Exercício de discernimento eclesial mediante o qual, os consagrados e as consagradas, são chamados a dar novos passos, a fim de que os ideais e a doutrina se encarnem na vida: sistemas, estruturas, diaconias, estilos, relações e linguagens. As orientações pretendem ler práticas inadequadas, indicar processos bloqueados, fazer perguntas concretas, pedir razões acerca das estruturas de relação, de governo, de formação...”.

■ Como realizar um bom discernimento?

A preparação do Sínodo sobre os jovens, é uma preciosa oportunidade para aprofundar a dinâmica do discernimento, para torná-lo uma atitude constante que oriente a vida cotidiana. O Secretário geral do Sínodo, Cardeal Lorenzo Baldisseri, sublinhou que “discernimento significa antes de tudo estar e manter-se na *escuta*, *avaliar* tudo aquilo que acontece na vida do mundo e da Igreja, parar nas brechas da história com vigilância evangélica e atenção profética. Discernimento é manter abertas as portas ao Deus da ternura que age com criatividade na história, por meio da palavra, dos pequenos e dos pobres”.

Entrar no ritmo do discernimento é fazer-se atentos às pessoas concretas, numa disponibilidade à *escuta*, ao diálogo, ao confronto, ao projeto, à verificação.

Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, oferece três chaves, retomadas pelo Reitor Mor no texto da Estreia 2018. Elas

constituem uma síntese sábia que pode iluminar o nosso caminho.

Reconhecer: é “dar nome” à grande quantidade de emoções, desejos e sentimentos que me habitam. *O que estou sentindo? O que estou passando?* É o momento em que, se desejo discernir antes de formular um juízo, sou convidado a acolher qualquer movimento interior que o perpassa, pelo simples fato de que é aquilo que estou experimentando e nada mais. Reconhecer a experiência, para ficar ciente e não me permitir uma ação, a partir das emoções, pensamentos e sensações.

Interpretar: o reconhecimento das próprias experiências ajuda a interpretá-las: *a que me chama o Espírito? É aqui que devo estar? Este desejo é fruto de uma necessidade minha? Qual?*

Nesta fase, além da memória, a faculdade da inteligência também permite tornar sempre mais lúcido o que se percebeu. A esta altura do processo de discernimento, os critérios do discernimento espiritual segundo as intuições de Santo Inácio de Loyola, vêm ajudar: «Pressuponho que existem em mim três tipos de pensamentos, isto é, o meu próprio que deriva unicamente da minha liberdade e da minha vontade, e os outros dois que provêm do externo: um do espírito bom e outro do espírito mau».

Escolher: reconhecido e interpretado o mundo dos desejos e das paixões, o ato da decisão é exercício de liberdade e responsabilidade. A escolha não é fruto dos instintos, nem mesmo de pressões sociais, mas é sinal evidente do percurso pessoal de discernimento.

A escolha concreta, aquela do: *o que fazer aqui hoje?*, no discernimento é entendida como uma concretização do ‘como’ e do ‘quem’: do como conduzir evangelicamente a própria existência e a da pessoa na qual apostar a própria vida.

DOSSIÊ

VER... PARA INTERPRETAR

Sonhos que motivam um caminho de esperança

■ **Maria Baffundo, FMA**
hmariab@gmail.com

Em tempo de globalização costuma-se afirmar que a juventude em nível mundial apresenta características semelhantes, expressões iguais e uma forma comum de responder às grandes inquietações de sua vida. A carta de identidade do jovem latinoamericano merece hoje uma atenção especial. É possível reconhecer entre as suas características distintivas a influência de várias realidades que estão plasmando a sua personalidade.

A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) apresenta alguns elementos que nos ajudarão a aproximar-nos da realidade juvenil latinoamericana:

- Na América Latina e no Caribe há cerca de 160 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, um quarto dos habitantes da Região. A integração desta parte da população, nos processos de desenvolvimento, é fundamental para que sejam construídas sociedades mais igualitárias. Quatro jovens sobre dez, entre 20 e 24 anos não completaram a instrução secundária e a taxa de desemprego deles é duas a três vezes maior do que a da população adulta.

- Cerca de 30 milhões de jovens na região, 22% do total, não estudam nem têm um trabalho remunerado. A maior parte deles, especialmente as mulheres, dedicam-se aos trabalhos domésticos e aos deveres de cuidar. Uma outra parte está desempregada ou, pela primeira vez, procura trabalho; além disso um pequeno percentual tem alguma incapacidade. (Trucco, Daniela – Ullman, Heidi – Juventud: Realidades y retos para un desarrollo con igualdad, CEPAL, 2015).

■ **A juventude latino-americana**

O Seminário virtual “*Juventude e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)*”, realizado pelo Observatório Juvenil para a América Latina e o Caribe (JUVElAC)

foi realizado em Santiago do Chile, em agosto de 2017; seis foram as áreas consideradas importantes: instrução, saúde, ocupação, participação, violência, cultura. Na Agenda 2030 das Metas de Desenvolvimento Sustentável, o papel dos jovens foi evidenciado como a pilastra social mais importante para atingir a sustentabilidade.

Os diversos governos da Região elaboraram políticas sociais integrativas para a realização dos objetivos estabelecidos a partir de algumas ideias-força:

- Pôr fim à pobreza
- garantir o acesso à instrução para todos: a saúde, a proteção social e os serviços de base (água e serviços higiênicos-sanitários)
- que ninguém seja excluído (igualdade, direitos e não discriminação)
- um teor de vida dignitosa (um nível aceitável de bem-estar)
- um nível aceitável de qualidade e proteção no trabalho
- a cultura e a participação política e cidadã
- a dignidade com a garantia e o reconhecimento dos direitos (Seminário Virtual de JUVelAC)

É útil considerar também que os católicos, em nível geral, estão diminuindo na América Latina (em 1995 os católicos representavam o percentual de 80%, este percentual diminuiu para 59%, em 2017). Muitos passaram para a religião protestante ou se tornaram agnósticos ou ateus. Há um afastamento das estruturas tradicionais dos “religiosos”, a religião está sempre mais ligada à espiritualidade e não às instituições; mais da metade do percentual, é jovem (segundo os dados apresentados no [Latinbarómetro 2017](#)).

A Igreja latinoamericana, portanto, tem importantes desafios aos quais responder, para continuar a ser significativa na vida dos jovens e para que o anúncio de Cristo atinja todas as pessoas.

Nesta linha, a Confederação Interamericana de Educação (CIEC) promove, para o mês de junho, o II Encontro Interamericano de Pastoral Educativa, com o objetivo de refletir “sobre o acompanhamento pastoral dos jovens no mundo de hoje”. Este segundo encontro de pastoral educativa propõe-se a aprofundar e construir linhas-guia que dinamizem os processos de acompanhamento pastoral nas comunidades educativas, por meio de uma metodologia

participativa, segundo o objetivo do encontro (Web de la CIEC).

■ Os desafios dos jovens à Igreja

As duas experiências compartilhadas estão alinhadas com a proposta que o próximo Sínodo dos Bispos propõe: *os jovens, a fé e o discernimento vocacional*.

Por isso é bom reler alguns desafios que os jovens apresentaram ao Papa, durante o Pré-Sínodo, realizado em Roma, em março de 2018.

A formação da personalidade: todos os grupos de pertença dos quais fazem parte os jovens, deveriam ser lugares que favoreçam o crescimento da identidade. O ambiente em que crescem é “o lugar” por excelência; a família, os amigos, os educadores, as Redes Sociais, as relações interpessoais e sobretudo a Igreja, pode acolher, escutar, colaborar deste modo na formação do pensamento crítico.

A relação com outras pessoas: diversas experiências são importantes, em campo relacional, para um melhor crescimento dos jovens: multiculturalidade, diversidade, diálogo, liberdade de expressão. Outras porém obstaculam: intolerância, racismo, perseguições, tensões políticas, sociais e religiosas. A Igreja deve educar ao encontro, favorecendo todas as oportunidades para criar laços.

Os jovens e o futuro: projetar e encontrar um lugar de pertença é o sonho de muitos jovens. Ser válidos interlocutores sociais para si mesmos e para a sua realidade, a fim de construir a própria vida com dignidade, lutar pela paz, a justiça e os direitos para todos. É missão da Igreja oferecer instrumentos para a construção de um mundo melhor.

A relação com a tecnologia: a cultura da mídia continua a influenciar muito a vida e os ideais dos jovens. Os jovens tendem a separar os seus comportamentos online e offline. É necessário oferecer aos jovens a formação sobre o como viver a sua vida digital. As relações online podem se tornar inumanas. Os espaços digitais nos tornam cegos quanto à vulnerabilidade do outro, e obstaculam a reflexão pessoal. (Documento final da reunião pré-sinodal dos jovens: OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL – Roma, 19-24 de março de 2018).

Podemos olhar para a Internet e para todas as suas possibilidades, como um novo modo de evangelizar e de oferecer

oportunidades de discernimento e formação para os jovens.

A busca do significado da existência: muitas vezes acontece por meio do sucesso no trabalho e nas conquistas pessoais, negligenciando a vida de fé, a relação com Deus e a Igreja, embora sejam abertos ao espiritual. Têm necessidade de unir fé e vida, portanto é importante para a Igreja ser próxima das suas necessidades, das suas lutas, procurar mostrar-lhes o rosto de Jesus, que se torna um companheiro no caminho e lhes pede para estar presente em suas escolhas de vida.

Passando para a segunda parte do documento, é descoberta a chave para realizar os desafios precedentes: Fé, vocação, discernimento e acompanhamento.

Os jovens e Jesus: é necessário apresentar um Jesus ao alcance de suas vidas, e modelos que lhes estejam mais próximos. Por eles voltemos ao Evangelho, em cujas páginas descobrirão o verdadeiro rosto de Jesus e a sua missão.

A Fé e a Igreja: uma experiência comunitária de fé, que encoraja a afastar-se da Instituição e a relacionar-se mais com o Cristo; a alegrar-se de pertencer e caminhar com os outros rumo à santidade. É assim que os jovens esperam, querem e sonham a Igreja.

O sentido vocacional da vida: a plenitude da pessoa, o dar sentido à vida, o empenho que cada um realiza com o mundo, reconhecendo o dom que Deus lhe deu, é o melhor modo para viver a vocação. É necessária uma Igreja “testemunha” que forme e contribua para uma melhor compreensão da vocação cristã de cada um.

O discernimento vocacional: acompanhar os jovens no caminho do discernimento da própria vida e favorecer experiências que ajudem a um melhor encontro consigo mesmo, é a tarefa principal que se atribui à Igreja.

Os jovens e o acompanhamento: pessoas ricas de humanidade, felizes com a própria vocação, em formação contínua, sempre em caminho. Assim querem os jovens que sejam aqueles que caminham ao seu lado e oferecem instrumentos adequados para levarem adiante os seus processos.

■ O caminho salesiano

Procurando responder e dar espaço a este desafio de acompanhar, é necessário

que o acompanhante seja aberto à ação do Espírito em sua vida e a escutar a Palavra. No confronto com Jesus, com o seu estilo de vida, e aberto à realidade, estará apto a caminhar e a encorajar aqueles que encontra ao longo do caminho.

Para a Família Salesiana, o acompanhamento dos jovens faz parte das suas raízes carismáticas. Dom Bosco e Madre Mazzarello deixaram um testemunho precioso de que é possível percorrer o caminho da santidade com os jovens e oferecer-lhes um acompanhamento seguro e amigável. Cada Filha de Maria Auxiliadora o percebe como um empenho inevitável, como se lê nas Linhas Orientadoras da Missão Educativa: *“Procurar descobrir com as jovens e os jovens a presença de Deus nos acontecimentos cotidianos é um dos elementos típicos da espiritualidade salesiana. A relação de acompanhamento ajuda a interpretar de modo positivo as situações do próprio ambiente, e os eventos da história pessoal e social; ensina a acolhê-los criticamente e a vivê-los com confiança e amor à vida.*

O acompanhamento que se realiza no ambiente educativo constitui uma experiência importante no itinerário do amadurecimento no qual convergem a ação de Deus, Senhor da história, e a resposta livre das jovens e dos jovens no seu contexto de vida, muitas vezes contraditório e questionador” (Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA. n. 111).

■ O decálogo do acompanhante

Um elemento muito significativo é o Decálogo do Acompanhante Salesiano, elaborado na Jornada espiritual da Família Salesiana, e a partir do qual é possível extrair elementos que iluminam as experiências particulares.

- ◆ Acompanhar os jovens neste tempo favorável no discernimento vocacional experimentando, por sua vez, a beleza de deixar-se acompanhar.

- ◆ Ajudar o jovem com paciência e *amorevolezza* a descobrir, por meio da escuta da voz de Deus, de ser dom e de poder realizar o grande projeto que o espera.

- ◆ Favorecer um clima espiritual com uma presença e um testemunho humilde e alegre.

- ◆ Oferecer a cada um a oportunidade de ser acompanhado, dando o primeiro passo, com uma escuta empática e valorizando as

especificidades pessoais, sem excluir ninguém.

- ◆ Propor uma espiritualidade com uma visão unitária, vivendo uma presença autêntica no exemplo de Jesus.

- ◆ Testemunhar a alegria amando e fazendo sentir o amor de Deus.

- ◆ Experimentar a lógica do “vem e vê” com um testemunho silencioso e coerente, que manifeste a presença do Ressuscitado e convide a empreender um caminho.

- ◆ Viver a dimensão comunitária, criando “casa que acolhe” por meio do olhar, do “saber ser”, da abertura ao mundo, da plenitude de vida.

- ◆ Dedicar tempo ao encontro pessoal, cuidando de ouvir com o coração de Cristo Bom Pastor.

- ◆ Olhar com confiança e esperança a vida entregando-se ao Senhor, caminhando ao lado dos jovens e despertando neles o desejo de encontrá-Lo.

■ Experiências de acompanhamento

A Inspetoria “Imaculada Conceição” do Uruguai considerou a experiência do acompanhamento como um dos objetivos mais importantes da Pastoral Vocacional.

A motivação não é somente para a realidade juvenil latinoamericana, mas propriamente do Uruguai, um dos países mais secularizados da região e com um crescimento do número de adultos e jovens que afirmam não crer em nada.

São várias as propostas e os modos para realizá-las em cada comunidade: o Movimento Juvenil Salesiano, os ex-alunos, os grupos de empenho salesiano, os retiros, os jovens animadores, as irmãs e os leigos que estão disponíveis para escutar e dialogar, as missões nas zonas de periferia... Quando a formação pessoal daqueles que acompanham é cuidada, e cada um procura fazer uma leitura de fé da própria história, motivará os jovens a fazerem o mesmo.

As reuniões dos jovens em busca, que durante o ano todo aconteceram, são um convite a descobrir as marcas de Deus na própria vida, para depois empenhar-se na realidade.

Este processo tem na *missão de verão*, um dos pontos mais significativos. As irmãs e os jovens compartilham diversos dias de oração e de reflexão, de atividades pastorais que permitem um maior conhecimento em um clima de fraternidade, simplicidade,

espontaneidade e alegria, e favorecem o discernimento vocacional.

A proposta continua com a oferta do acompanhamento pessoal; como ocasião de crescimento e confronto sobre aquilo que Deus pede para a sua vida e que mantém viva a sua continuidade.

Testemunho

Neste contexto são apresentadas duas experiências, a primeira da parte de quem é acompanhado e a segunda de quem acompanha.

«Sou Daiana, uma jovem de 24 anos, da comunidade de Rivera, uma Obra Social das FMA. Eu já fiz e ainda vivo experiências que se tornam uma oportunidade de crescimento para a minha vida.

Entre estas experiências há uma particularmente significativa: ter recebido a graça de ser “acompanhada”. A acompanhante ajudou-me a clarificar, a pôr em ordem, a dar nome às coisas (experiências, vivências, sentimentos e emoções) nos diversos aspectos da minha vida e, sobretudo, ajudou-me a descobrir a marca, a passagem de Deus em cada instante do meu viver. Ajudou-me a olhar, a ver e a viver a vida de maneira diferente. Ajudou-me a perguntar-me POR QUEM... E NÃO POR QUE. Ajudou-me a viver não só pelo simples fato de respirar, mas a descobrir que fazê-lo é um graça, procurar aquilo que me motiva, o que me impele a fazer tudo. Ajudou-me a estar em constante descoberta de mim mesma, da presença de Deus em mim e no outro. E para testemunhar isso, não há necessidade só de palavras, mas de gestos e ações. Ajudou-me a ir em profundidade nas coisas, a viver uma vida dando-lhe sentido e significado, procurando as motivações e as metas. Amadureci e cresci pessoal e espiritualmente.

A vivência de tudo isso me fez descobrir que Deus está presente em cada aspecto da minha vida, em cada experiência, em cada decisão... em cada resposta e pergunta, em cada sacrifício, nas coisas simples ou mais complexas, em cada pessoa que me circunda e com as quais convivo (bairro, escola, família, amigos, paróquia, etc.).

Fez-me descobrir que Deus tem um projeto de vida para mim, assim como para cada pessoa. Ver a vida como dom, descobrir que Deus me deu muitos talentos e possibilidades. Deu-me um novo modo de

ver a vida, de ver a realidade, de ver o outro e, também, de ver Deus não como quem está longe (na terra e no céu), mas como “alguém” que está próximo, presente, um Deus que é Pai, um Deus que é um Amigo...

Sinto a necessidade de agradecer novamente a Deus por ter-me permitido viver e compartilhar esta experiência. Quero agradecer muitas pessoas que me ajudaram neste percurso de crescimento pessoal e espiritual.

Mas, sobretudo, porque me propiciou um longo período de escuta, de oração, de paciência, de empatia, de compreensão, de esperança... de grande confiança que me encoraja a continuar este percurso, a aceitar, aprender e descobrir Deus em minha vida, e a continuar a procurar o sentido mais profundo da minha vida e do projeto que Deus tem para mim».

Testemunho

Ir. Sílvia relata: O que aprecio no modo de acompanhar outra pessoa?

Uma das coisas que mais aprecio no acompanhamento e com a qual eu me comprometo, é a confiança que o outro deposita em mim ao compartilhar sua vida, suas buscas, suas lutas, seus desejos, suas fragilidades, seus sonhos, suas necessidades, seus anseios de caminhar e crescer. Aprecio porque sei que compartilhar a vida com tanta profundidade faz com que se toque a vulnerabilidade, então, o acompanhante escuta, acolhe, reza, procura ser o instrumento de Deus de modo que o outro se encontre com a sacralidade da própria vida e, a partir dali, se levante e caminhe.... Outra coisa que aprecio é aquilo que o outro faz para mim, sem perceber...

Escutando e acompanhando sinto que ganho em humanidade e isso me põe num dinamismo de crescimento...

EM BUSCA *O Caminho de Damasco*

Educadores acolhedores

■ **Mara Borsi, FMA**

mara@fmails.it

Enzo Bianchi, Prior de Bose afirma que os Evangelhos trazem à luz a capacidade de Jesus de acolher todas

as pessoas. Jesus sabia encontrar os outros, em primeiro lugar os pobres, os primeiros destinatários da Boa-Nova do Evangelho, e também os ricos como Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10); os estrangeiros como a mulher siro-fenícia (cf Mc 7, 24-30; Mt 15, 21-28); os homens justos como Natanael (cf Jo 1, 45-51)

Jesus Cristo, o nosso pedagogo, traçou para nós o modelo da verdadeira vida e educou o homem que vive nele. Então, assumamos o estilo salvífico do nosso Salvador, nós os filhos do bom Pai e criaturas do bom pedagogo (Clemente Alexandrino, "O pedagogo" I, 98, 1.3).

■ Não às prevenções

Jesus não sabia nutrir prevenções, sabia criar um espaço de confiança e de liberdade em que o outro pudesse entrar sem ter medo e sem sentir-se julgado. Nas estradas, ao longo das praias, nas casas, nas sinagogas, Jesus criava um espaço acolhedor entre si mesmo e o outro que se aproximava dele ou que ele ia à procura: antes de tudo colocava-se sempre à escuta do outro, procurando perceber o que estava desejando, qual era a sua necessidade.

Jesus não encontrava o pobre enquanto pobre, o pecador enquanto pecador, o excluído enquanto excluído. Esta modalidade teria significado encerrar o outro numa categoria, teria sido reduzir o outro àquilo que era só um aspecto da sua pessoa. Não, Jesus encontrava o outro enquanto pessoa como ele, membro da mesma humanidade, igual em dignidade; qualquer pessoa. Jesus ao encontrar e escutar uma pessoa sabia acolhê-la como uma pessoa marcada pela pobreza, pela doença, pelo pecado.

Quando Jesus encontrava o outro, procurava criar um clima relacional que lhe permitisse emergir como pessoa e sujeito, nunca o julgava, sabia acolher a linguagem de que era capaz: a linguagem corpórea da prostituta (cf Lc 7, 37-38.44-47), a linguagem da mulher hemorroíssa, que se expressa com o fugaz toque do seu manto (cf Mc 5, 25-44; Lc 8, 43-48), a linguagem desconexa de tantos enfermos. Mas, em geral, quando encontrava o outro ferido por toda sorte de doenças,

Jesus cuidava da apessoa inteira – na sua unidade de corpo, psiquê e alma – até assumir suas dores e carregar as suas enfermidades (Cf Mt 8, 17; citação: Is 53, 4).

Jesus era verdadeiramente um homem compassivo, capaz de sentir-com até sofrer-com, um homem para o qual toda relação estava aberta à comunhão.

Aproximando-nos do outro do jeito que Jesus nos ensinou, também nós podemos viver um encontro hospitaleiro, um encontro no signo da gratuidade, buscando a comunhão. E assim podemos chegar a abrir espaço, não apenas ao outro que vemos diante de nós, mas ao Outro por excelência, Deus que, então, pode realmente falar conosco.

■ O amor pedagógico

As atitudes educativas segundo as quais o educador interage com pessoas em crescimento são um dos temas mais estudados pelas Ciências da Educação. A dimensão afetiva na interação educativa reveste um papel importante e se manifesta por meio da qualidade das atitudes e das formas comunicativas. Tais manifestações da parte dos educadores exprimem a estima que eles têm pela pessoa e pelo seu comportamento.

Se os educandos se sentem tratados como objetos e percebem que o educador não leva em consideração os seus sentimentos ou suas ideias, eles se sentem desvalorizados ou incompreendidos, e interagem de modo defensivo. A aceitação incondicional, a capacidade de encontrar crianças, adolescentes e jovens independentemente da sua estrutura psíquica, das suas qualidades físicas, da sua procedência social como pessoas dignas de estima, é decisivo para a relação educativa. Quando um educador se empenha para ver a vida das pessoas em crescimento como elas a veem e experimentam, elas se sentirão fortalecidas para comunicar o seu mundo.

Conseqüentemente os educandos desenvolverão sentimentos de confiança e de segurança em confronto com os adultos.

O educador/a não será visto/a como quem possui a verdade ou como uma pessoa que quer mostrar a habilidade dos próprios raciocínios ou a validade das próprias experiências, mas como uma pessoa que se interessa pelos outros e os respeita.

Na relação educativa, o encorajamento não deve ser negligenciado. O educador/a, nunca tira a esperança, mas se empenha em orientar as pessoas em crescimento, na busca dos caminhos de solução para as dificuldades que encontram. Estimular a uma mudança de conduta ou à realização de uma meta, requer no adulto disponibilidade, ajuda paciente e cordial. Aceitação incondicional e encorajamento são as características que os pedagogos definem como *amor pedagógico*.

O último traço deste amor é a bondade, virtude que é realizada pelo educador/a, especialmente quando se dedica às crianças, adolescentes e jovens mais frágeis, mais necessitados, sem levar em conta se eles correspondem ou não à sua dedicação e ao seu amor. O amor pedagógico tem suas raízes na melhor humanidade que o mundo já experimentou: a humanidade de Jesus.

* * * * *

Quem é Rosemary Nyirumbe?

COSTURAR A ESPERANÇA

Rosemary Nyirumbe, a Irmã que "recostura" as bolsas e a vida das meninas-soldado. A história de Ir. Rosemary Nyirumbe é a de uma mulher africana corajosa e determinada que trabalha no contexto do conflito aceso pelo terrorista Joseph Kony, cabeça do Ira, o Exército de resistência do Senhor, autoproclamado "nedium de Deus".

A guerra civil ensanguentou a Uganda dos anos 80, após o fim do feroz regime do Ditador Amin, provocou 30 mil mortes, dois milhões de refugiados e cem mil menores raptados e transformados em crianças soldados. Esta saguinária milícia é animada por uma miscelânea de misticismo tradicional africano, nacionalismo Acholi e fundamentalismo cristão. Ir. Rosemary pondo mais uma vez em risco a sua vida, consegue escrever uma página de esperança e de pacificação nessa terra torturada, no limite com o Sudão Sul e a República Democrática do Congo. Como? Indo buscar na savana, acolhendo, dando instrução. Trabalho e dignidade a muitíssimas jovens mulheres que tinham sido raptadas por milicianos do Ira, escravizadas, violentadas e transformadas em autômatos adestrados apenas para matar.

Bateram à sua porta nesses anos, milhares de mães, mulheres grávidas, meninas-soldado, adolescentes sequestradas, depois foragidas ou libertadas. Entre elas também estava uma das 60 mulheres do terrível Kony. Todas foram acolhidas com afeto, receberam bens de primeira necessidade e, sobretudo, um vislumbre de

esperança naquela raça humana que lhes roubou toda inocência. Aprendendo a costurar, cozinhar, ler, muitas conseguiram reinserir-se na sociedade.

Sessenta e dois anos de idade, religiosa da Uganda, pertencente à Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, fundada por um comboniano de Trento, obstetra, diplomada e com mestrado em Ética do desenvolvimento, Ir. Rosemary tornou-se religiosa com apenas 15 anos. «Prefiro praticar do que fazer pregação» é um dos seus motes. E a sua vida é um contagioso hino à Caridade.

Em Gulu, na escola profissional feminina de Santa Mônica, por ela fundada em 2001, com oficinas de costura e de cozinha, passaram mais de duas mil jovens com os filhos nascidos dos "matrimônios" impostos pelos guerrilheiros de Kony. Aqui encontraram um refúgio e a possibilidade de reconstruir, a partir dos escombros, uma nova vida.

Nela encontraram afeto, um abraço caloroso, e a possibilidade de um resgate existencial. As mulheres são duplamente vítimas, porque tendo fugido dos seus torturadores, não são mais aceitas em suas comunidades e nem mesmo pelas suas famílias. Muitas delas levaram anos para confidenciar tudo o que sofreram. Como Sharon, que tinha apenas 13 anos quando foi raptada e que foi obrigada a matar a facadas a airmãzinha. Hoje está "ressuscitada": trabalha em Santa Mônica e ensina costura às novas alunas. Ou como Ellen, a bela jovem que foi a "mulher" do sanguinário Kony, que, tendo chegado há apenas dois anos e terminado o curso de alfaiataria, tornou-se porta-voz das ex-sequestradas, e presidente de uma associação em defesa dos direitos das mulheres vítimas da violência.

O passo mais difícil para estas jovens? Conseguir superar este insuportável senso de culpa, o terrível fardo do passado. Um passado que não é perdoado pelos outros e nem por si mesmas. A infatigável Irmã ugandesa inventou uma linha de bolsas para mulher, produzidas pelas hábeis mãos de suas jovens em Santa Mônica: bolsas especiais como as suas produtoras, e únicas no mundo porque realizadas com um singular material de descarte, as abas de alumínio das latinhas. Peças únicas que, graças à Sisters United, fundada por Rosemary, serão comercializadas em muitos Países. «De um monte de resíduos nasce uma coisa bela». «É um pouco a história dessas mulheres: de um refúgio da sociedade nasce uma pessoa nova», afirma convicta Ir. Nyirumbe. Valor da bolsa? «Inestimável», responde imediatamente, com paixão, a Irmã ugandesa: «Um fragmento de dignidade de uma jovem africana».

O matrimônio como vocação

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

Talvez possa parecer paradoxal, mas os jovens se casam menos porque estão mais conscientes do que antigamente, de que este é um tempo difícil para esta escolha de vida. Jovens enamoradíssimos, que podendo ficariam sempre juntos, recuam diante da perspectiva de formar uma família estável.

Coloquemo-nos ao lado deles e experimentemos escutar as suas dúvidas: *Vale a pena casar-se? Pode-se assumir um empenho para toda a vida em um mundo que muda com velocidade astronômica? Será realmente ele/ela o parceiro certo? Manterá a promessa, o seu amor, o seu caráter amável? Não será melhor, enquanto isso, adiar a escolha para tempos melhores até quando for possível, gozando a juventude e aproveitando o sustento dos pais? Não seria sinal de maturidade e autonomia renunciar aos ritos, às instituições, às festas e optar por uma livre e saudável convivência? Quando será o momento certo para eventualmente dar um passo tão importante? Convém escolher o matrimônio civil ou religioso? Quais são as condições para que um matrimônio “aconteça”?*

Nem sempre as respostas são encorajadoras. No entanto, às perguntas dos entrevistadores, os adolescentes atestam uma confiança estável na família, com percentuais em todo o mundo ocidental que oscilam entre 70 e 90%. Tal confiança descansa na consciência de uma mistura de razões afetivas, instrumentais e culturais que são explicitadas assim:

- A família constitui um vínculo estável e a criação de um mundo de afetos com os quais contar;
- Transmite o patrimônio genético, material e cultural de uma geração à geração sucessiva;

- É o lugar mais adaptado para gerar, proteger, educar os filhos de modo contínuo. Supõe a partilha solidária entre os membros, em nível afetivo, social e econômico;
- Assegura o cuidado dos mais frágeis e dos anciãos.

■ A família

Então a instituição familiar é considerada ‘coisa boa’, confiável e desejável na linha de princípio em si, para a sociedade e para a pessoa. Tudo muda quando se trata de considerá-la como capaz de garantir uma vida boa e feliz para si mesmo. Em uma reflexão fria, o amor eterno (“mais de ontem, menos de amanhã”) vacila e prevalece o desencanto causado pelas aparências, de familiares e amigos, das histórias de vida que expõem sem reticências relações conflituais e violentas, matrimônios naufragados, pais em luta para cuidar dos filhos... Muitos adolescentes fazem experiência direta, em família ou no ambiente em que vivem, de casais que se odeiam, brigam por qualquer motivo, envenenam a própria existência. Muitos se nutrem de modelos conjugais negativos, de ficção TV e telejornais em que abundam repetidos casos de violência, difundem-se dados sobre o aumento dos divórcios. Separações, feminicídios, já na ordem do dia, também nas famílias tradicionalmente estáveis e católicas. Por trás de rostos angélicos encondem-se indivíduos dominadores, que querem obter tudo da vida (*must have*), mulheres em carreira, lascivas, infiéis, caprichosas, homens cheios de recursos materiais e de mulheres a serem seduzidas para depois fazerem delas o que querem, mais ainda quando são psicologicamente frágeis. A cultura dominante fecha o olho aos jovens que ligam a felicidade da vida feliz à “realização do eu”, que exige o sucesso a 300 graus: é preciso ser vencedores na carreira, ter uma família feliz, ganhar bastante para permitir-se um estilo de vida mais que satisfatório. Os jovens concluem que não será possível conjugar a formação de uma família com uma vida feliz e que, em cada caso, será bom reservar-se ao menos um caminho de saída.

■ O matrimônio

Com o matrimônio o amado/a, um ser humano falível como todos, assume a importância despropositada porque decide a

própria felicidade podendo arruiná-la e destruí-la. O poder do parceiro escolhido parece incalculável e incontrolável. Muito forte é o medo que, com o tempo, poderá mudar e transformar o matrimônio em 'sepultura do amor'.

Ao pedido de especificar o medo e a respeito do comportamento do parceiro no matrimônio, os jovens respondem manifestando o medo de que o outro, com o passar do tempo, possa:

- sufocar a liberdade; impedir a autonomia do trabalho e a financeira;
- obstacular a socialização (grupos de amigos, de colegas no esporte, no sindicato, na Igreja...)
- bloquear a criatividade e a carreira pessoal;
- absorver todo o tempo livre;
- criar uma relação de dependência insuportável;
- fazer do matrimônio um 'deixar passar' com relacionamentos fingidos, porque considerados devidos;
- induzir a adequar-se aos estereótipos de gênero aproveitando-se de uma distribuição injusta de obrigações (cuidado da casa, dos filhos, dos idosos...);
- transformar o amor em *rotina*, sufocando o estupor dos primeiros tempos;
- tornar a vida insuportável por causa da chegada inesperada de alguma patologia psíquica; provocar conflitos cotidianos insuportáveis;
- em caso de separação, abrir uma fase dolorosa de intermináveis, custosas e pesadas consequências psíquicas e judiciárias.

Não podem ser incompreendidas as dificuldades desses jovens, circundados pela cultura da suspeita, cuja dúvida é multiplicada por uma cultura individualista que exalta a liberdade do eu, fazendo crer que não será possível realizar tal liberdade sempre com a/o mesma/o mulher/homem, sem provocar frustração e tédio. Não podem ser subestimados os impedimentos objetivos (trabalho, casa, custo da festa...), que tornam difícil convencer um jovem a assumir o dever de começar uma família, gerar e assistir os filhos até encontrar um emprego (o que acontece em tempo de crise).

São talvez muito poucos os esposos que lhes dão testemunho de que, mesmo quando as relações se tornam conflituosas, é possível transformar o circuito vicioso em virtuoso, que é preciso preparar-se ao matrimônio

promovendo uma afetividade altruísta e estável, que aprender a 'obedecer-se' reciprocamente não é um jogo insuportável, mas a condição para libertar-se do eu e do tu, e construir o caloroso ninho do 'nós'. São atitudes que se adquirem desde criança, crescendo nas famílias unidas, nos ambientes saudáveis, capazes de injetar confiança, de educar ao discernimento e à valorização dos próprios recursos e dos próprios limites, de transmitir a fé.

Devemos dar graças a Deus e é justo fazer festa quando dois jovens demonstram entender o matrimônio e escolhê-lo, saber reconhecer qual é a/o jovem que Deus lhe apresenta e com o qual poderão construir uma relação duradoura, aceitar o risco do futuro, com uma boa dose de coragem, não temer a mudança da vida com todas as suas incógnitas, perceber que ao longo do arco da vida a dois, muitas coisas poderão mudar, mas o que regerá será o pacto de amizade, cuidado como um bem precioso. Escreve Papa Francisco na *Amoris laetitia*: «O amor de amizade unifica todos os aspectos da vida matrimonial e ajuda os membros da família a ir adiante em todas as suas fases... Quando numa família não se é invasivo e se pede "licença", quando numa família não se é egoísta e se aprende a dizer "obrigado", e quando numa família alguém percebe que fez alguma coisa errada e sabe pedir "desculpa", naquela família existe paz e alegria» (133).

Compreende-se que a obediência recíproca é a condição para serem felizes fazendo feliz o outro e que esta não é uma prédica, uma boa intenção, mas uma dinâmica enraizada no DNA do ser humano enquanto tal.

O cristianismo, a esta natural propensão impressa pelo Criador para amar fielmente, deu um valor acrescentado, uma divina segurança contra os riscos, recursos preciosos para convencer e investir na aventura conjugal.

Inumeráveis testemunhos de casais crentes atestam tal "valor acrescentado" da fé, com os seus efeitos positivos em cascata sobre si mesmos, sobre os filhos e sobre o ambiente circundante. Eles adquirem estas qualidades: capacidade de acolhida e hospitalidade generosa; confiança na Providência; forte sensibilidade aos problemas dos outros casais; amizades sólidas no bairro, nas relações de trabalho,

nos grupos (paróquias, movimentos...); força e serenidade durante as provas; capacidade de perdoar e de pedir perdão

No mundo cristão percebe-se sempre mais, que o matrimônio é uma vocação, um chamado de Alguém que convoca ao banquete do Amor, que exige tudo, e tudo dá em troca.

EM BUSCA # *Mulher*

Mulher educadora

Paolo Ondarza
Paolo.ondarza@gmail.com

Um grande desejo de sair em missão, cultivado desde a juventude. Depois o chamado e a partida para a Bolívia com as Irmãs Dominicanas do *Sagrado Coração de Jesus*, em 24 de fevereiro de 1989.

É a história de Ir. Micaela Princiotto, 56 anos, siciliana de Messina, ainda jovem presente no país latinoamericano, onde no ano 2000 fundou as *Missionárias das Bem-aventuranças com as quais desenvolve uma obra de apostolado em âmbito educativo*.

Em Santa Cruz de la Sierra Ir. **Micaela Princiotto** está na direção da Casa Editora Bem-aventuranças (inserir QR) que produz material didático em nível nacional. Dirige, além disso, o Instituto Educativo *Josefina Balsamo*, constituído por dez centros de instrução, frequentados por cerca de 12.000 estudantes e abriu 16 escolas em diversas cidades. As muitas iniciativas de formação, nas quais Ir. Micaela se gasta com entusiasmo, são gratuitas e reconhecidas por muitos professores de escolas públicas e particulares, como válidos suportes no exercício da profissão.

«A educação – relata a missionária – é fundamental em todo contexto do mundo, mas o é particularmente na Bolívia, um dos países mais pobres da América Latina. É preciso oferecer oportunidades ao povo! Educação não quer dizer só escola e livros. Ela é a base do desenvolvimento humano: não por acaso Jesus foi chamado por todos

de *Mestre*. A educação leva à beleza e à bondade. Quem quer trabalhar com os pobres na Bolívia deve ocupar-se deles! É realmente uma periferia abandonada, ausente das agendas políticas dos governos dos últimos trinta anos».

«Ultimamente – explica – tenta-se ideologizar a educação com o fim de manipular mais facilmente os pobres, cujo nível cultural é realmente baixo. Se as pessoas permanecem ignorantes é mais fácil subjugar-las». O empenho da religiosa italiana no âmbito do desenvolvimento humano integral, foi premiado, nos meses passados, com a honorificência do **Patujú de Bronze**, a flor símbolo da Bolívia, concedido a quem contribui ao crescimento do País.

Mas é fácil para uma mulher na Bolívia trabalhar em primeira linha no campo da educação?

Papa Francisco, no recente livro-entrevista *América Latina*, do jornalista **Hernán Reyes Alcaide**, referindo-se ao papel do gênio feminino na América do Sul, explica que seria redutivo alcançar o objetivo único de consentir à mulher “fazer as mesmas coisas de um homem. Existe de fato um papel, um lugar na Igreja que pertence apenas à mulher. A Igreja é mulher. Esposa e mãe”. «Mulher – comenta Ir. Micaela – quer dizer maternidade, e por maternidade não se entende apenas a fisiológica. A mãe, de fato, procura sempre o bem dos filhos. Nós, como religiosas, com o nosso voto de castidade, com o nosso abrir o coração ao mundo inteiro, e não apenas a um grupo restrito de pessoas, buscamos o bem de cada um, sobretudo dos mais pobres e frágeis. As crianças em particular merecem toda a nossa atenção, porque têm direito a uma vida dignitosa e o que fazemos para elas é sempre pouco».

Ir. Micaela, hoje na Igreja na Bolívia, e mais em geral na América Latina, o papel da mulher é adequadamente valorizado?

«Não creio. Há ainda muito caminho a fazer. A mulher tem muito a dar na Igreja e não me refiro às tarefas domésticas feitas na casa paroquial de uma paróquia (sorriu)! Maria é exemplo a ser seguido. Maria deu ao mundo Jesus é Maria que nos leva a Ele. Não teve medo de mostrar Jesus aos Magos e aos pastores: uma mãe podia também ser

zelosa e proteger o filho do olhar de visitantes estrangeiros. Maria não teve medo de fazer conhecer o seu menino. O papel da mulher é este. Nós temos, de fato, uma capacidade diferente com relação aos homens, de compartilhar Jesus com os irmãos na vida de cada dia. Eu não sou uma sustentadora do sacerdócio feminino, não é um tema que tenho no coração: não acredito que seja necessário ser sacerdote para ter papel na Igreja. O que importa é a aproximação, fazer-se próximo do irmão que lhe está ao lado, promover a sua dignidade».

A senhora nota hoje uma crescente reciprocidade homem-mulher na sociedade latinoamericana?

«Não ainda. Também aqui o caminho é muito longo, tanto para os homens como para as mulheres. Toca-me sempre o anseio feminista à liberdade de autodeterminar-se. A vontade de “comandar” o próprio corpo – feito para ser doado – acaba por negar a feminilidade. Nós mulheres devemos estar conscientes do nosso valor e da nossa reciprocidade com os homens. Também os homens têm muito a aprender: muitas vezes sentem-se mais seguros quando comandam, dominam, quando têm a certeza de que ninguém compete com eles. Mas, todos deveríamos entender que não se trata de competição, mas de reciprocidade, temos necessidade de sustentar-nos mutuamente. Penso no belíssimo exemplo de minha mãe e meu pai: um homem e uma mulher que juntos constituíam uma humanidade perfeita. Agradeço a Deus por tê-los dado a mim! O matrimônio e a família são a primeira escola para as novas gerações».

Estamos perto do Sínodo sobre os jovens. O que significa hoje fazer educação entre os jovens em um mundo que está se transformando velozmente? Quais riscos e potencialidades a senhora vê?

«É um tema que me apaixona muito: hoje está se criando uma fenda geracional enorme, uma das mais profundas da história. Os nossos jovens são *ativos digitais*. A nossa concepção do mundo das relações e das comunicações está totalmente diferente com relação à dos “nossos” filhos. A relação para os jovens se realiza por meio do tablet ou do smartphone: é também tecnológica! As redes sociais têm anulado as distâncias, transformando o mundo em uma única grande casa onde, porém, não faltam

perigos: a pornografia, a pedofilia, a violência em geral. Infelizmente nós adultos não somos sempre capazes de educar e orientar porquanto continuamos a raciocinar com as nossas categorias. É preciso estar atentos aos sinais dos tempos! Nas paróquias continuam a fazer catequese como há vinte anos atrás se fazia, e as crianças perdem o interesse de aprender. O desafio para os pais que são os primeiros educadores, é sintonizar na frequência dos jovens. Não devemos ter medo de utilizar a tecnologia de modo correto e positivo».

E fazem isso por meio da atividade da Casa Editora Bem-aventuras.

«Sim, criamos uma versão digital de todos os nossos livros de papel. É um desafio. Queremos ajudar os mestres a sair da sua reticência digital e colocar-se em sintonia com os alunos. É um trabalho árduo e apaixonante. Temos necessidade de aprender a linguagem da tecnologia para entender os nossos jovens e fazer-nos entender por eles».

Não há risco de se perder? A tecnologia não os domina?

Não creio. Quando Deus criou o universo, no final criou Adão e Eva: eram os mais pequeninos de todo o universo criado. A eles, tão frágeis, Deus confiou o cuidado de toda a Criação. Pois bem, a tecnologia parece dominar-nos com suas mudanças, mas não devemos ter medo dela. Um robô funciona só porque uma mente humana o fez funcionar. Eu creio que hoje Deus nos diz: “sede cuidadores da tecnologia, não a deixeis à deriva, utilizai-a para o bem!».

Educação quer dizer também aproximação das periferias existenciais: penso nos pobres que na Bolívia não faltam. Qual é a sua aproximação dessa realidade?

«É uma das realidades mais duras. Estamos presentes, por exemplo, com um projeto nos aterros de Santa Cruz de La Sierra. Esta cidade é a capital econômica da Bolívia; há zonas ricas que parecem europeias pelo grau de bem-estar, mas a poucos quilômetros dali, há gente que come o que os outros jogam no lixo. São coisas que te devastam a alma e que, uma vez tocadas com a mão, não te deixam em paz. Cada vez que a uma criança falta um pedaço de pão, cada um de nós deveria perguntar-se

“onde estou eu?”. O pobre é aquele que mais interpela, dá sentido à tua vida. às vezes podemos perder-nos em tantas superestruturas, também tecnológicas, e nos esquecemos do que quer dizer ser verdadeiramente humanos. Ser humanos quer dizer ter necessidade de poucas coisas, voltar à essencialidade. Os pobres nos lembram isso: eles são os nossos educadores. Então, torna-se uma graça poder abordá-los.

EM BUSCA *Focus*

Tecer culturas

Tatiana Mario

videsveneto@gmail.com

O sonho de Ir. Ana Maria Zabai foi sempre ser missionária. Imaginava-se em terras distantes com projetos em países em via de desenvolvimento, em vez disso o Senhor a quis aqui, na Itália, ao lado de quem chega de longe para estudar ou em busca de um trabalho. Salesiana, religiosa há 43 anos, no final dos anos 90, ocupou-se em Pádua com o fenômeno dos fluxos migratórios na cidade, como delegada da Associação Salesiana Vides. «O Senhor queria que eu fosse missionária aqui, ‘intra gentes’! E me chamou a viver esta missão com e para os jovens, a fim de promover uma cultura da doação desinteressada e do encontro para conduzir a um futuro de esperança e alegria».

Respira-se agitação, concentração, e também muita despreocupação no Instituto Dom Bosco de Riviera São Bento em Pádua, onde o *Vides* tem a sua base operativa para ensinar aos estrangeiros a língua italiana, alfabetizando-os em muitos casos, e para compartilhar a paixão pelo teatro, a música, o corte e a costura. Compartilhar, conhecer-se, ser comunidade porque «juntos pode-se fazer experiência de fraternidade, de ajuda recíproca e não se sentir mais sozinhos a

milhares de quilômetros de casa, longe de tudo e de todos.

Alessandra Zuin, coordenadora desde 2012 da Escola de Italiano, cuja grande paixão é pela escrita e pela cultura, relata: «O encontro com outros povos e outros modos de pensar te faz ficar com os pés na terra. Estamos de tal modo habituados a ver as coisas só com o filtro da TV que não pensamos nunca que possam existir realmente».

O **Vides** (Voluntariado Internacional Mulher, Educação e Desenvolvimento) é uma Associação nascida em Pádua, em 1995, que trabalha segundo o Carisma de Dom Bosco («Basta que sejas hovens para que eu vos ame muito»). A associação está presente em 43 países de quatro continentes, e atua em âmbitos diversos: voluntariado, promoção da mulher, dos direitos humanos e educação. No Vêneto conta com três sedes: em Pádua, em Conegliano (TV) e em Valdagno no Vicentino.

As atividades promovidas para a acolhida dos estrangeiros são numerosas: desde o centro de orientação à escola de Italiano, da oficina teatral à de corte e costura, até a organização de festas interculturais. O primeiro curso de Italiano em Pádua foi ativado no ano 2000 com a solicitação por parte da comunidade filipina de Pádua, ao Vides, de alfabetizar seus compatriotas. Desde 2001 a escola abriu-se também aos outros migrantes com um projeto para mulheres aculturadas dos países do leste Europeu. Frequentam os cursos, por ano, em média 400 estrangeiros.

■ Entre os bancos escreve-se a paz

Mas, o que alimenta o serviço gratuito de uma centena de voluntários dos quais, mais da metade são estudantes universitários, 10% jovens alternando escola-trabalho e o restante anciãos aposentados?

Maria Grazia Rassa, que ensina italiano há dois anos e chegou ao Vides por acaso, navegando na web, diz: «Não me bastava dar o pão aos pobres porque, a longo prazo, o pão humilha e a pessoa humilhada, que depende sempre do outro, corre o risco de sentir rancor, ódio, rivalidade social. Então, amadureci em mim a convicção de que devia fazer alguma coisa para ajudar os pobres a caminhar com as própria pernas, e assim entrei para fazer parte do Vides. Quando não sabes a língua do país em que te encontras, vives como um surdomudo: os outros falam,

mas tu não entendes, te sentes ceifado e não confias em ninguém».

Aprender o italiano torna-se por isso uma ponte entre culturas e um nó entre as pessoas que com esforço se soltam pois, falando a mesma língua colocam-se no mesmo plano.

«Eu era uma criança e, como todos os habitantes de Siligo, um lugarejo da província de Sassari, acompanhava os jovens ao ponto de ônibus que ia para o porto onde embarcavam para “novos mundos”. As mães vestidas de preto levavam as malas na cabeça, e choravam. Esta é a migração que trago dentro de mim e que, acredito, não seja tão diferente daquela que vivem as mães e os jovens, aos quais ensino italiano».

O Vides Vêneto, já nos anos 90, soube pôr-se à escuta das exigências de quem chegava, e começou a abrir as portas a quem estava só, sem pontos de referência.

«O melhor modo para garantir a segurança é construir a paz entre os povos» é esta a convicção profunda que alimenta as jornadas de Ir. Anna Zabai, e que encontra razão para ficar na positividade das relações e nas amizades que nascem na escola de italiano, entre agulha e fio, entre cantos e recitativos. «Como religiosa, para mim este é um chamado a viver o carisma salesiano com o coração que abraça todo o mundo feito de tantas histórias. Vou querer ser para esses jovens, a cada um deles, o reflexo do amor de Deus. Vou querer fazê-los sentir-se acolhidos como filhos, irmãos, irmãs, mães... e que sintam o Vides como sua casa».

■ Na classe nascem as amizades

Margarida Salgado vem do Perú e, quando há 13 anos chegou em Pádua sozinha e desorientada, sabendo poucas palavras em italiano, não teria pensado que sua vida, um dia, mudaria.

«Certo dia, era um domingo, eu caminhava ao longo da Riviera Paleocapa, triste e sem pontos de referência. Queria ir à Missa, mas não sabia onde havia uma igreja. Vi ao longe duas Irmãs vestidas de cinza, como aquelas que, por três anos, haviam sido minhas professoras, em Lima. Aproximei-me delas e perguntei se estavam indo para a igreja, porque queria ir com elas, mas em troca me disseram para apresentar-me na quinta-feira, na escola de italiano».

Desde então tudo mudou para Margarida:

a solidão foi afastada pela frequência semanal ao Vides, e pela consciência de que em tudo há uma mensagem do Senhor a ser decifrada. «Saí da minha aldeia porque queria dar a possibilidade de estudar, às minhas duas meninas. Hoje sou feliz porque os meus sacrifícios frutificaram, e elas se tornaram duas boas garotas». Assim que chegou na Itália, o sentimento mais difícil, além da distância da família, era aceitar sentir-se clandestina, sem ter seus documentos em dia, e um trabalho seguro. «Vejo a mão de Deus naquilo que me aconteceu porque hoje compreendo o que sentem dentro de si os migrantes que chegam aqui em busca de um futuro melhor. Quando obtive a minha primeira permissão de permanência, para mim foi uma festa porque eu me senti de novo viva e reconhecida como pessoa».

Depois de ter frequentado por três anos a escola de italiano, Margarida encontrou o Vides em uma festa dos povos, em Prato della Valle e dali não se afastou mais. «A mulher maravilhosa que é Anna Maria, aproximou-se de mim para uma dança popular, e me disse de não me esquecer do Vides. Fiz minhas aquelas palavras, porque sentia que estavam me tocando por dentro. Decidi voltar e colocar-me a serviço para restituir o quanto havia recebido». Às quintas-feiras Margarida vai à oficina “*Tecer culturas*” e, sempre dá uma mão quando é preciso ensinar uma dança, um canto, ou organizar uma festa, porque sabe o quanto as pessoas precisam de socialização, como quando ela estava sozinha em Pádua e a Festa do Natal do Vides foi o seu natal de família».



Em um livro, todo o empenho pela paz e pelos direitos.

«Para a Ir. Anna Maria Zabai, FMA missionária *intra gentes*» é dedicado o livro **VIDES VENETO – Olhares sobre o Afeganistão**, escrito por Alessandra Zuin, coordenadora da escola de italiano do Vides, e Nicole Valentini, jornalista *freelance* especialista de Afeganistão e direito de asilo, pelos vinte anos da delegação regional completados em 2015. Na primeira parte “*Vides Veneto: juntos fazemos experiência de paz, juntos construímos a paz*”, a associação relata a história e o empenho na Itália e no mundo para garantir a promoção e a tutela dos direitos humanos com a acolhida, a educação e a instrução.

A segunda parte “*Olhares sobre o Afeganistão*” enfrenta alguns temas históricos sociais do país a partir dos quais registra-se um forte incremento da chegada de requerentes de asilos. O livro é também enriquecido por poesias, entrevistas e imagens de artistas afegãos.

EM BUSCA *A Voz dos jovens*

O milagre da COMUNHÃO

■ Vargas Diaz Granados Cristina, FMA
crisvargasfma@yahoo.com

De 19-25 de março de 2018 realizou-se, em Roma, a Reunião Pré-sinodal, com a presença de mais de 300 jovens de todo o mundo, e cerca de 15.000 ao vivo nas Redes Sociais.

■ Por que uma “Reunião Pré-sinodal”?

“Queridos jovens, o coração da Igreja é jovem precisamente porque o Evangelho é como uma linfa vital que continuamente gera vida. Cabe a nós ser dóceis e cooperar com esta fecundidade. E todos vós podeis colaborar com esta fecundidade: quer sejais cristãos católicos, de outras religiões, ou não crentes. Nós vos pedimos para colaborar com a nossa fecundidade, para dar a vida. Fazemos assim também neste caminho

sinodal, pensando na realidade dos jovens de todo o mundo Temos necessidade de reapropriar-nos do entusiasmo da fé e do gosto pela busca. Temos necessidade de encontrar no Senhor a força para reerguer-nos das falhas, para seguirmos adiante, para reforçarmos a confiança no futuro. E temos necessidade de ousar caminhos novos”.

Papa Francisco escolheu envolver os jovens para escutar, ‘sem filtros’, a sua voz, em preparação ao Sínodo dos Bispos sobre “*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*”, que será realizado em outubro de 2018. O Sínodo será “dos Bispos”, mas o Papa quis ter uma reunião “com os jovens”, porque, como ele mesmo disse: “A Igreja quer colocar-se à escuta da voz, da sensibilidade, da fé e, também, das dúvidas e das críticas dos jovens – queremos escutar os jovens –” (Papa Francisco, Audiência Geral, Praça de São Pedro, Quarta-feira, 4 de outubro de 2017).

■ Experiências vividas

“*Caminheiro, não existe caminho, o caminho se faz*”. Eu sinto que esta frase expressa bem a experiência vivida por cada um de nós, participantes. Encontrar-se juntos para “fazer o caminho”, para *criar juntos* uma Igreja jovem, renovada; uma Igreja *em saída*, na escuta de todos, que acredita no amor feito aproximação e que torna real e concreto aquilo que professa.

Para além das línguas e das culturas diferentes, vivemos o *milagre da ‘comunhão’*. Foi maravilhoso poder compartilhar com liberdade e espontaneidade a vida nas suas manifestações mais diversas. Foi lindo sentir de tantos jovens, o amor à Igreja, não obstante as experiências de sofrimento, de exclusão, de preconceito. Tocou-me por dentro o fato de como tantos jovens, mesmo sendo não crentes ou de outras confissões, compartilharam conosco católicos, ajudando-nos a dar uma contribuição significativa para o Bem da Igreja e dos jovens, de todos os jovens, nenhum excluído!

No final dos trabalhos em grupos, fiz a experiência de ouvir o outro, com coração aberto, experimentar o outro realmente como “alguém que me pertence” (João Paulo II, Carta Apostólica *NOVO MILLENNIO INEUNTE*, 6 de janeiro de 2001, 43).

Escutando cada história, cada proposta, fiz o esforço para enxergar além, para aproximar-me das realidades diferentes da

minha. A atitude de escuta, assim vivida, me fez sair dos tradicionais esquemas, superando o individualismo e tornando-me construtora de comunhão.

No final do encontro ouvi muitos jovens saudar-se, dizendo: “rezarei pelo teu grupo de jovens”, “rezarei pelo teu pároco”, etc. Que lindo! Não éramos mais desconhecidos, mas irmãos próximos uns dos outros, não só virtualmente mas sobretudo espiritualmente; podia-se apalpar o que significa “sentir com” o outro.

A experiência do Pré-sínodo deixou em muitos jovens o desejo de ser construtores de comunhão. “Se o modo de testemunhar na Igreja, fosse assim “natural”, aberto e disponível à escuta, tanto da realidade como de cada pessoa, como seriam as nossas comunidades eclesiais (paróquias, congregações religiosas, movimentos, associações, etc.)?”

Os jovens sonham segurança, estabilidade e plenitude. Muitos esperam uma vida melhor e uma comunidade que os acompanhe (DF, 3).
O que oferecemos aos jovens e de que modo os acompanhamos rumo a um futuro melhor?

■ Qual é a novidade?

Papa Francisco nos surpreendeu quando, no primeiro dia, disse: «Deus quis falar por meio dos mais jovens... nos momentos mais difíceis o Senhor faz a história ir adiante com os jovens». Nós nos sentimos interpelados pela Igreja, ficamos fascinados com as palavras do Papa que nos pediu para termos “cara dura” e dizermos aquilo que trazemos no coração.

Muitos de nós nos perguntamos: “Quando na história da nossa Igreja agiu-se assim? Quando a Igreja envolveu os jovens trabalhou com eles e não apenas para eles? Nós, como Família Salesiana nos sentimos privilegiados e sustentados, porque a vida de Dom Bosco e de Madre Mazzarello foi sempre vivida *com e para* os jovens. Assim é para tantas outras famílias religiosas, movimentos, grupos e associações. Porém, muitos jovens não pertencem a esses grupos, e nas paróquias nem sempre se sentem envolvidos. Muitos jovens não se sentem “protagonistas” nas comunidades paroquiais.

Eis porque, a grande novidade do Pré-sínodo não está no Documento final

elaborado pelos próprios jovens, e sim no fato de estarem envolvidos. A Igreja afirmou: “você jovens, são preciosos, a sua voz, o seu pensamento conta, e conta seriamente; nós precisamos de vocês”. É esta a surpresa de Deus: “Eis que eu estou fazendo uma coisa nova; ela está prestes a brotar; vós a reconheceis? (cf. Is 43,1)

«A Mídia Social é uma parte relevante da nossa identidade e do nosso viver» (DF, 4). O que suscita em nós esta afirmação dos jovens?

■ Chamadas como FMA

Como jovem FMA, participando do *Pré-sínodo*, senti a necessidade de dar um novo impulso à minha vocação para viver em meio aos jovens, *com* eles. Muitos jovens participantes têm a minha idade e, em seus países, alguns deles são responsáveis pela Pastoral Juvenil em nível nacional, diocesano ou paroquial; outros são *líderes* em seu movimento ou associação. Gozei ao ver tantos jovens adultos empenhados em gastar sua vida na Igreja, e me deixei interpelar pelo seu testemunho, pela sua partilha. Este encontro permitiu-nos viver em primeira pessoa o discernimento comunitário, fazer o esforço de ceder cada um um pouco, à própria fé, cultura e experiência, para poder acolher a fé, a cultura e a experiência do outro e ser, o mais possível, jovens em saída

EM BUSCA *Polifonia*

A estrada não tomada

Anna Rita Cristaino
annarita.cristaino@gmail.com

Numa de suas últimas audiências o Papa Bento XVI falava da utilidade de promover uma “espécie de pedagogia do desejo, tanto para o caminho de quem ainda não crê, como para quem já recebeu o dom da fé”. Ele sugeria pelo menos dois aspectos sobre os quais desenvolvê-la: aprender ou reaprender o gosto pelas alegrias autênticas da vida; não contentar-se nunca com o que já foi alcançado.

■ A vocação do desejo

Os jovens que conheço têm vontade de escrever o que ainda não se escreveu; para eles a vida é evento, abertura, surpresa, possibilidade, visão, cura.

A busca autêntica aumenta as dúvidas e, muitas vezes, quanto mais se conhecem as variáveis da existência mais se perde a segurança. As palavras que eles escutam trazem consigo um grande poder... são chaves de acesso para interpretar o mundo, fora e dentro deles. Mas, muitas vezes são excessivas! Quando olho para eles gostaria que surgisse no coração deles alguma pergunta: “O que desejo para além do que o outro deseja que eu queira? Qual é o meu próprio desejo?”. Seria lindo se eles pudessem reinventar o que recebem dos outros, de modo singular, original para gerar um estilo de vida próprio, realizando a vocação do desejo.

Desejar a vida poderia ser um critério de escolha. Em cada circunstância, em cada evento, em cada pessoa, quero e escolho a vida. É, então, em nós que surgem as perguntas: Como pode ser desencadeado num jovem o desejo pela vida e o desejo pelo infinito? Bastariam as nossas palavras? Bastará dizer-lhes que nós adultos desejamos de tal modo uma vida feliz que não prestamos atenção na possibilidade de que aquela escolha possa levar-nos por caminhos não fáceis? Acreditarão que a nossa vontade de sentir-nos vivos, de sentir-nos parte ativa da humanidade, e pequeniníssima parte do infinito, tem um nome: Deus?

Acredito que cada um dos jovens que encontrarmos entenderá o que significa optar pela vida se nós, que estamos ao lado deles, continuarmos a cuidar das nossas escolhas. Se continuarmos a escolher a vida plena. Se continuarmos a sentir em nossos corações ainda adolescentes que todos os dias interpretam os sinais de uma cotidianidade que dá sentido à existência.

Se soubermos arriscar por primeiro e nos lançar em mar aberto, mesmo sem ter todas as respostas, mas com a única certeza de pertencer a um Senhor que caminhou sobre as águas e acalmou a tempestade.

Se continuarmos a desejar a felicidade deles antes de qualquer outra coisa, aprenderão também eles a desejá-la. E o único anseio já será um pouco do tê-la alcançado.

Testemunho

Antônio

Falar com Antônio foi fácil. Alto, cabelos espessos, olhos negros e profundos, sorriso maroto e vivaz. Frequenta a faculdade de Letras e Filosofia que espelha o seu caráter idealista e sonhador. Antônio tem vontade de conhecer, de deixar uma marca bem visível no mundo. Está procurando entender qual percurso empreender. Como para tantos de seus coetâneos, diante dele abrem-se infinitas possibilidades.

Enquanto falo com ele, vem-me à mente a poesia “A estrada não tomada” de Robert Frost, cujos versos recitam, a um certo ponto: «Duas estradas divergiam em um bosque e eu... eu tomei a menos batida, e isso fez toda a diferença». Dos seus versos transborda o desejo de escolher, discernir depois de ter olhado por longo tempo as duas estradas procurando algo que pudesse facilitar a decisão. Mas Antônio não tem à sua frente apenas duas estradas, mas um mar de oportunidades. Faz parte de algumas associações culturais, escreve no blog da Universidade, toca em uma banda com os amigos de sempre e com sua menina que está crescendo como está crescendo o amor entre eles. Olha ao seu redor, participa de projetos europeus, dentro de poucos meses partirá para Lille onde permanecerá por um ano, para estudar na universidade. Não tem um claro objetivo final bem definido. Acolhe as ocasiões que acontecem no dia a dia. Agrada-lhe o debate, a política. Gosta de dar a sua opinião. Sabe que, deixar todas as opções de escolha sobre a mesa, é cansativo. Mas tem sede de vida. Tem sede de sentido.

Cada experiência, bela e cansativa, lembra-lhe que está vivo, diz-lhe que existe.

Alessandro D’Avenia escreve em seu livro A arte de ser frágil: «O adolescente, o jovem não quer que lhe explique a vida, mas que a vida se explique nele e quer ter ao seu lado pessoas confiáveis à própria navegação».

Antônio reage, movimenta-se. Diante de tantas perspectivas, arrisca, experimenta, faz tesouro de cada migalha de existência. É afortunado: tem sólidas raízes. Uma cidade e uma família para onde retornar. Um panorama de montanha defronte ao qual redimensiona os seus impulsos e as suas emoções. Pequenas e basilares certezas, que lhe fazem superar a ansiedade do mar aberto.

■ Na margem

Muitas vezes os jovens ficam na beirada, bloqueados pelo medo de avançar naquele mar gigantesco. Não sabem interpretar os sinais que lhes indicam uma rota. Eles se autoconvencem de que seu lugar é na margem. Firmes.

Todos os dias encontro adolescentes e jovens e, no seu modo de caminhar, de se vestir, de olhar em torno, pode-se entrever todo o seu mundo interior com o próprio emaranhado de emoções, medos, alegrias, dúvidas, certezas.

Muitas vezes vislumbro neles o “suspense”. São bons para ficar no vau. Desejosos de novas experiências, de consumir histórias e ações, mas sem possuí-las. O risco de “determinar-se” de “caracterizar-se, de “identificar-se”, os espanta. Preferem a indefinição, deste modo podem ser quem quiserem, em qualquer circunstância.

Se escolherem definitivamente, saberão ser fiéis àquelas escolhas? Eles pensam que não! A perseverança é uma qualidade, da qual muitas vezes, não conhecem nem mesmo o significado literal da palavra.

Têm necessidade de um mapa, de um manual de decodificação das experiências de vida que fazem, têm necessidade de gente adulta em torno deles, que “caminha”, que escolhe, que erra e se levanta, que luta pelas próprias convicções, que se empenha pelas coisas nas quais acredita.

COMUNICAR

No país das maravilhas

Elisa Molinari
elisamolinare@yahoo.it

“Alice morria de tédio sentada ao lado de sua irmã, sem fazer nada (...) quando, de improviso, um coelho branco de olhos rosados passou perto dela, bem rente. (...) Um instante depois, Alice escorregava para baixo correndo atrás dele, sem pensar em como faria para sair disso”.

O começo do romance de **Lewis Carrol** não difere muito da cotidianidade de um adolescente que, tomado pelo “tédio” – que é o tempo não ocupado por empenhos escolares ou esportivos ou de espera *exagerada* pela chegada do ônibus ou da mãe que calcula com precisão milimétrica a estrada com menos semáforos e possíveis

obstáculos para não fazer esperar *muito* o seu menino – resiste ao impulso de mergulhar de cabeça no “mundo mágico” do qual precisou separar-se durante *uma manhã inteira* de escola.

“Quando é que o sino toca? Sim, porque em seguida o mundo se acende!”: os olhos de Ricardo brilham impacientes para “reconectar-se”, para voltar “online” e assim reencontrar “a vida” que precisou deixar naquele **tempo interminável** precisamente porque offline, longe do seu habitat natural.

Talvez para ti que estás lendo – que ainda estás procurando entender se és um atrasado, um dinossauro, um imigrado, um *homo sapiens* digital (cf. L. Ballerini, “Nem dinossauros, nem ingênuos”) ou uma das tantas outras definições com que procuras com dissimulada sinceridade apoiar à tua (real) data de nascimento os teus (poucos reais) talentos digitais – o virtual não possa ser “natural” como o belo gramado de quando te enrolavas como criança. Em vez disso, para os famosos “nativos digitais”, **o virtual é real**, porque é lugar onde se encontram com os amigos, ficam a par de tudo aquilo que acontece sem perder uma batida ou uma emoção, são etiquetados, recebem e colocam like – alguns por acaso, alguns bem escolhidos – sobre as fotos que vencem o prêmio por um mau gosto ou, ao contrário, que tornam esplêndidos – com oportunos filtros e enquadramentos – os particulares mais insignificantes de casa própria. **E o real é virtual**, porque continuam a viver os seus jogos com a Playstation, simulando os mesmos sons e os mesmos movimentos dos jogadores preferidos, a discutir com os companheiros sobre as estratégias melhores para Clash Royale, Clash of Clans, Minecraft, Fortnite e semelhantes, ou últimos youtuber do momento.

Bruno Munari, estilista italiano, em 1986 dizia: “*Brincar é um assunto sério! As crianças de hoje são os adultos de amanhã ajudemo-las a crescer livres de estereótipos, ajudemo-las a desenvolver todos os sentidos, ajudemo-las a tornar-se mais sensíveis*”. Para eles trata-se de algo extremamente sério, como sempre foi, o jogo para uma criança, mesmo se justamente espanta vê-los absortos por horas e horas nas telas visto que, além de tudo, o OMS reconheceu a dependência dos videogames (gaming addiction) como verdadeira e própria

patologia, junto com o fenômeno “Hikikomori” que em japonês significa “ficar à margem”, que afeta adolescentes completamente afastados do mundo. Eis porque a vida dos nossos adolescentes na web faz um todo com a vida offline, tanto que, a par de “Como foi hoje o seu dia?” e “O que fizeste de belo com os teus amigos?” poderiam não estar fora de lugar perguntas como: “Quem você encontrou hoje no social?” ou “Quantos like recebeu a sua foto de aniversário no Instagram?” ou “Quem é o seu youtuber preferido?”, das quais poder-se-ia obter respostas mais entusiasmadas e articuladas do que dos habituais “Bem” e “Nada”, típicos desta idade.

“É evidente que os jovens de todo o mundo estejam consumindo de maneira obsessiva os produtos multimídiais” (Papa Francisco aos jovens do Pré-sínodo) mediante os quais a corporeidade (se excluimos vista, ouvido, polegares e indicadores), com todas as suas modalidades cinestésicas ligadas ao ar livre, não é adequadamente experimentada como numa bela corrida de bicicleta ou numa partida “verdadeira” de futebol. Certamente, pode ser mais cômodo, esterilizado e indolor saber que os filhos estão “seguros”, comodamente deitados no divã da casa agarrados a um console, em vez de expostos aos riscos de terríveis ataques bactericidas e alergênicos provocados pelo contato com a terra, ervas, plantas insetos estranhos ou, pior ainda, de ematomas e arranhões. Mas, será que fazendo assim não levamos os nossos “filhotes” a um inexorável enfraquecimento físico e psicológico? No livro: “Juntos, mas sozinhos; porque esperamos sempre mais da tecnologia e sempre menos dos outros” a psicóloga do MIT de Boston Sherry Turkle destaca uma outra verdade: *“Online encontramos facilmente “companhia”, mas somos consumidos pela pressão da representação. Temos à disposição uma conexão contínua mas é raro que alguém nos dedique toda a sua atenção e vice-versa”*.

Muitas vezes a habilidade com estes instrumentos, dado o imediatismo das respostas e pela facilidade em publicar conteúdos provocatórios, ilude os adolescentes de estar inseridos num grupo, de receber reconhecimentos, de construir-se uma posição, mas isso não tem prosseguimento na vida real se, depois, faltar

o abc do relacionar-se, se à imagem do próprio perfil social não corresponder uma personalidade forte. Os adolescentes no seu crescimento, embora tendam a colocar à parte a figura do adulto e voltar-se para os coetâneos ou a outras fontes nem sempre confiáveis (ver Wikipédia, Ask.fm e Cortana), precisam sentir-se sustentados por ambientes educativos que forneçam valores e uma boa capacidade críticas que os guie para “não beber tudo”, mas para escolher com a cabeça, um pouco como Alice que, no momento em que está sozinha na toca do Coelho Branco lembra os ensinamentos recebidos: - **É uma palavra, bebe! – Alice que era uma menina prudente, não quis beber. – Quero ver se está escrito: «Veneno» – disse, porque havia lido muitos relatos em torno de crianças que tinham sido queimadas e comidas vivas por animais ferozes, e coisas semelhantes, e tudo porque não tinham sido prudentes, e não haviam lembrado dos ensinamentos recebidos em casa e na escola.**

“É verdade, são habilíssimos: com toques de mestres nos encantam e mostram capacidades escondidas (“É um geniozinho da informática”), mas atenção, confiar ao filho o próprio celular para ser configurado “porque ele se sai melhor do que eu com essas coisas” pode significar uma espécie de auto-demissão da própria autoridade de pais sobre o controle dos dispositivos, além de uma diminuição de autoridade sobre os procedimentos e informações. A atenção que se deve ter está no respeito dos papéis, de uma educação que é e deve permanecer assimétrica: o adulto é, por definição, o detentor da experiência e dos conselhos que geram a vida e, na qualidade de imigrado digital, tem ainda a função preciosa de ajudar o jovem a industrializar-se num mundo que os fascina, dando-lhes a ilusão de possuí-lo, mas que esconde perigos que, como é normal na adolescência, não veem e não levam em consideração. Por isso é necessário que não abduquemos o papel educativo, deixando-os sozinhos. Continuando a metáfora de Alice, os adolescentes, enquanto estão dentro da toca do Coelho Branco, devem ouvir “os barulhos da casa” saber que ao lado deles está a presença segura dos pais e dos educadores aos quais pedir conselhos “de navegação” antes de ficar em apuros. Adultos capazes de

chamá-los à realidade com a determinação de um "Agora estamos à mesa todos juntos!", afastando por primeiro os próprios dispositivos e fazendo sentir-lhes a beleza das relações que, se forem verdadeiras, podem ser encontradas também online. Além do mais, são eles próprios a dizê-lo:

Os celulares não vos impedem de falar-nos, não nos tornam completamente alienados e incapazes de apreciar os estímulos que nos dais. Saibas que odiamos ouvir dizer que usamos os telefoninhos como uma barreira para isolar-nos, mesmo se à vezes é mais fácil refugiar-nos nos nossos pequenos mundos e evitar o confronto direto. Mas, não devemos pensar que o smartphone possa substituir a figura dos pais, se muitas vezes são os pais a utilizá-los para distrair os seus filhos, como talvez também tu desde pequeno eras colocado diante da televisão.

Vós deveis conservar sempre o vosso papel fundamental de transmitir valores, paixões e interesses. A responsabilidade daquilo que somos é vossa; não do telefoninho que às vezes é o vosso álibi (A. Cazzullo com os filhos Rossana e Francisco – Afasta aquele celular).

COMUNICAR *Cinema*

Maria Madalena de Garth Davis

Palma Lionetti, FMA
palmalionetti@gmail.com

Maria Madalena... um nome que no imaginário coletivo sempre esteve ligado à pecadora penitente, graças àquele primeiro juízo dado sobre ela por Gregório Magno, em 591, e a partir de uma longa interpretação tanto bíblica como artística.

Para reabilitar esta figura de mulher e de apóstola, foram pensadas duas "saídas" a ela dedicadas: um livro *Maria Madalena* de Carlos Maria Martini, editado pela Fundação Terra Santa, algumas meditações feitas pelo Cardeal num Retiro Espiritual pregado às consagradas do Ordo Virginum, na Diocese de Milão, e um filme que

confirma o interesse por esta personagem de quem os Evangelhos – de modo particular João – reconhecem o papel protagonista.

Maria Madalena é um filme corajoso porque reabilita uma figura bíblica que foi por muito tempo ignorada ou deixada em segundo plano, e porque resume o último dia do Filho de Deus, na paixão de Cristo.

O filme contemplativo está todo nos olhares de Joaquin Phoenix/Jesus e Rooney Mara/Maria Madalena...

Um filme em que a misericórdia e a feminilidade felizmente se encontram e faz emergir, ao lado do perfil institucional petrino, a natureza materna do cristianismo.

Maria Madalena, dirigido por Garth Davis, com Rooney Mara e Joaquin Phoenix protagonistas, é um filme que propõe uma nova aproximação de uma das figuras mais famosas dos textos bíblicos. O filme foi definido mais ideológico do que religioso, todavia é um filme bem feito e bem interpretado, uma tentativa bem sucedida de releitura, em chave moderna, da Madalena e da relação de Jesus com as mulheres.

A trama e o final da história já conhecemos, motivo pelo qual me agrada reportar alguns trechos de algumas entrevistas feitas ao diretor Garth Davis e aos dois atores protagonistas Rooney Mara (Maria Madalena) e Joaquin Phoenix (Jesus) que revelam a alma e o coração do filme.

É o relato de uma fé profunda, mesmo se o diretor se declara não religioso. Davis explica: *«Quando li o roteiro, foi a primeira vez que me confrontei com esta história, e a achei espiritual. Eu acredito que se possa ter um olhar espiritual sobre as coisas, independentemente da religião e do credo, quando se chega a achar o modo de amar incondicionalmente. Isto é relacionar-se com Deus. É aproximar-se de Deus. Teve um significado para mim, conectou-me com aquilo que acredito. E estou muito contente de ter podido explorá-lo».*

A escolha de **Joaquin Phoenix** para o papel de Jesus é realmente especial sob muitos aspectos, de fato o diretor afirma que se não tivesse tido ele, provavelmente não teria realizado o filme: *«...quando recebi a mensagem de que ele queria discutir, e começamos a falar sobre o assunto, estava aterrorizado com este papel, motivo pelo qual estive na casa dele em Los Angeles e...*

realmente ele era Jesus, era o Jesus que havia imaginado, aquele que eu queria. Foi uma coisa, direi, extraordinária. Quando como diretor começa a pensar no elenco, começa também a pensar nas performances do personagem, nas nuances e te perguntas se os atores as têm, quando eu me sentei com Joaquim, ele tinha todos esses momentos de grande empatia, de emoções, de amor, todos aqueles coloridos que sempre acreditei que Jesus devia ter. Era realmente espiritual».

Aconteceu o mesmo para **Rooney Mara** no papel de Maria Madalena, com a qual já havia trabalhado no filme Lion: *«Eu já sabia o quanto ela era única e especial, tem esta qualidade de parecer fora do mundo, mas é também muito humana e muito confiável, e era tudo isso que eu queria que levasse ao personagem de Maria Madalena».*

Explica a atriz protagonista a respeito de sua abordagem para este papel do qual, apenas recentemente, foi descoberto mais a respeito da tradição clássica: *«Não sabia nada, antes de começar a filmagem, mas com esta nova onda de feminismo, creio que seja o período certo para se produzir um filme como este. Espero que se fale sobre isso. Sabíamos, no entanto, que a mensagem seria importante. Nasci católica, fui educada em escola católica e quando Garth me enviou o roteiro, pensava saber aquilo que todos sabem, isto é, que se tratava de uma prostituta, e também, se não havia julgamento nisso; fiquei chocada ao entender que era toda uma montagem, que não só ela não era uma prostituta, mas uma pessoa muito importante no movimento, um dos discípulos mais importantes, com uma importantíssima força espiritual. Fiquei chocada porque nada sabia sobre isso. Eu acredito, então, que seja uma história muito importante a ser relatada e fazer conhecer».*

Ao interpretar este papel tão particular Rooney Mara explica que procurou explorar o mais possível o lado humano de Maria Madalena, concentrando-se no fato de que era um ser humano. E acrescenta: *«Eu acredito que, para aquele tempo, ela era uma mulher especial e única, e que teve uma enorme coragem para deixar tudo o que lhe era familiar para seguir um grupo de homens desconhecidos, acredito que era bastante radical para a época. Por isso queria respeitar este lado humano, e fiz muitas, muitíssimas pesquisas que me possibilitaram*

a leitura de muitos textos, mas depois senti que para mim era importante torná-la humana».

O que surpreendeu, como ela mesma declarou, foi ter descoberto a figura de Jesus, sua mensagem e seus ensinamentos, uma abordagem diferente da estudada nas escolas católicas.

O valor deste filme, penso, está na renovada possibilidade de aceder ao coração de Jesus pelo sentimento, pelo olhar, pela paixão do coração de uma mulher; uma mulher que, por muito tempo, fora identificada com uma prostituta, e redescobri-la como primeira apóstola, testemunha e guia dos apóstolos.

Maria Madalena amou Cristo e demonstrou este amor: *«Estarei contigo até o fim».* É esta uma das frases que mais permanecem gravadas no coração de quem pôde ver o filme. Aí está o motivo pelo qual vale a pena reaproximar-se e deixar-se inspirar por esta figura de mulher que se uniu aos apóstolos, abandonando casa, família e afetos para seguir como sua, a missão espiritual do Messias.

Uma mulher que ama o seu trabalho como uma pecadora e que se sente ligada a Deus, em tal nível que, para aprofundá-lo, abandona tudo e segue Jesus. Ela nunca se sentiu compreendida e quando encontra Jesus sente que com ele é diferente, e assume no grupo dos apóstolos uma função de liderança.

Gosto de pensar que é possível aprender a conhecer Jesus também por meio dos seus olhos e da sua determinação de jovem, uma bonita jovem, que não quer obedecer à família que lhe impõe um matrimônio combinado. Sim, Maria quer algo mais. Em suma, como disse Rooney Mara: *«A mensagem de Maria Madalena é hoje mais revolucionária do que nunca, e a nossa esperança é que possa ter grande difusão»*



Ternura. A revolução do pensamento gentil

Emilia di Massimo

emiliadeimassimo@libero.it

O livro de Isabella Guanzini, filósofa e teóloga, extrai inspiração do Magistério do Papa Francisco, enfrentando com audácia o sentimento da ternura que, argumenta a autora, «deve ser limpa da espessa crosta de açúcar e deve ser mostrada em toda a sua essencialidade e potência: é a percepção elementar da fragilidade da vida, de cada vida; é a disposição humana fundamental dos laços que unem o mundo; é aproximação; reconhecimento do rosto do outro, do seu físico, do seu estar no mundo».

O indivíduo hodierno relega a ternura ao privado, não faz uma boa propaganda dela, porém, ainda não existe outro caminho de humanização para o tempo presente e futuro, a não ser a força revolucionária da ternura e do afeto, porquanto ela corresponde à nova ecologia humana. A época digital está fechando o ser humano dentro da couraça da indiferença, de tal modo a não saber mais apreciar as alegrias da partilha, da doçura, da compaixão. As emoções são vividas no signo do *usa* e *joga*, e da superficialidade, não vividas porque se vivem por meio da transmissão ao vivo, não elaboradas porque contidas no próprio celular, como se faltasse uma memória interna ao ser humano. Parece que a alma não tem mais história, e não sabe a quem e a que afeiçoar-se. “A remoção sistemática da ternura recíproca da gramática da vida, cria uma insensibilidade devastadora para a qualidade da convivência: em cada civilização, mesmo a mais respeitável e a mais avançada”, de tal modo a levar a perguntar-se se um abraço é ainda um ponto exclamativo do amor, da amizade, da fraternidade. Hoje o termo *contra* parece ser o único imperativo válido:

contra o imigrado, contra o refugiado, contra o homossexual, contra a mulher; contra nós mesmos. *Contra*. E se, ao invés disso, precisamente em base a isso, florescesse com mais força o sentimento da ternura? É certo que isso comporta a audácia de arriscar, de percorrer o mapa emotivo mas, evidencia a autora, “até que alguém tenha a coragem de de convidar à revolução do amor e da ternura, temos a possibilidade de lembrar que é dali que viemos e para lá somos chamados a dirigir-nos, e lá ficar. Nós humanos não temos outro a não ser este para proteger do frio e do escuro que nos assaltam, naqueles movimentos da consciência que coloca tudo em questão”.

“Para resistir ao mal é preciso uma alma terna: é o desafio mais difícil já confiado ao humano”.

O livro da Guanzini conduz à leitura das criticidades da sociedade contemporânea que vai do Papa Francisco a Platão, de Eneias à mulher sem nome do Evangelho de Lucas, até alcançar as crônicas dos migrantes, falando da ternura como daquela humanidade que permite interceptar, nas entre-linhas, o sentido mais fecundo e criativo da finitude e da fragilidade. Uma particular atenção é dada pela Autora aos jovens que, afirma, «vivem numa espécie de desligamento geral, em uma dificuldade sistêmica para encontrar um sentido em alguma coisa, para imaginar constelações novas e para sonhar vidas mais intensas». A geração atual torna a própria existência dependente, não só das substâncias entorpecentes, mas também das tecnológicas, dos líderes carismáticos e das seitas religiosas. Isso provoca o progressivo enfraquecimento do sentimento da vida, na advertência de uma falta mais do que de uma condição marcada pelo excesso, “que sempre avança por adições e nunca por subtrações”.

Poderia ser esta a causa principal que, às vezes, impele os jovens à morte, para dar sentido à própria desolação e nome à própria história? Isabela Guanzini chega à convicção de que “somente a falta promove o desejo e somente o desejo é capaz de suscitar o amor. Dentro de tal quadro é introduzido novamente o poder simbólico da ternura que restabelece a harmonia com a beleza de permanecer humanos”.

“Falar da ternura significa falar de amor, de tempo que passa, de filosofia. Significa falar de humanidade, de curiosidade com relação ao outro, daquela leveza profunda que nos permite interceptar, nas entre-linhas, o sentido mais fecundo e criativo da nossa finitude, da nossa fragilidade”. (I. Guazini).

A conversa necessária de Sherry Turkle

A força do diálogo na era digital

O livro da socióloga e psicóloga Sherry Turkle, “*A conversa necessária*”, é um ensaio sobre os efeitos de estar sempre conexos online, e sobre a capacidade de relacionar-se com o outro. No centro do volume está a *conversa*: um recurso, uma arte, uma necessidade humana que a mediação digital do diálogo pode pôr em risco. Fruto de anos de entrevistas e de pesquisas no campo, Sherry Turkle, “antropóloga do cyberspaço”, sublinha no livro, os efeitos das tecnologias que circundam a sociedade e o cotidiano para fazer com que cada um se torne dono de si mesmo.

Indaga sobre o risco de que as relações humanas e empáticas entre indivíduos, sobretudo entre os mais jovens, sejam enfraquecidas por causa dos dispositivos sociais que a web põe à disposição. O pensamento de Turkle é evidente: “Entre as coisas que fazemos, a conversa face a face é a mais humana e nos torna mais humanos. Plenamente presentes ao nosso interlocutor, aprendemos a escutar e a desenvolver as nossas capacidades empáticas”.

A Autora evoca a beleza e a importância da conversa, analisando a atual complexidade em que se está imerso e que leva a viver a existência constantemente num “outro lugar digital”. Mas para entender quem somos, para compreender plenamente o mundo que nos circunda, para crescer, para amar e ser amados, ocorre saber conversar. A perda da capacidade de falar «face a face» com os outros – com empatia, aprendendo no meio-tempo a suportar solidão e inquietação – arrisca reduzir as nossas capacidades de reflexão e concentração, levando-nos, em casos extremos, a estados de dissociação psíquica e cognitiva. O limite entre dentro e fora da tela já evaporou irreversivelmente e a Rede pode ser

considerada um mundo à parte e o meio indispensável para viver em sociedade.

O livro constitui uma ocasião muito preciosa de enriquecimento para quem quer refletir sobre as dinâmicas relacionais, num mundo sempre mais invadido pelo digital onde, segundo as últimas estatísticas dos Estados Unidos, a permanência média dos jovens diante de uma tela (computador, smartphone ou televisão) superou 11 horas por dia.

COMUNICAR *Música*

Ver para interpretar

■ **Mariano Diotto**
m.diotto@iusvre.it

Kant escrevia que: «O sentido da visão, mesmo não sendo mais indispensável do que o da audição, é o mais nobre, porque de todos os sentidos é o mais distante do tato no qual se tem a condição perceptiva mais limitada; ele não somente comporta o campo perceptivo mais amplo, mas é também o órgão menos condicionado afetivamente e o mais próximo da intuição pura».
Se o ver pode ser uma ação imediata e espontânea, interpretar em vez disso é um processo cognitivo complexo que está inserido num precioso contexto. É mais fácil olhar-se que interpretar-se e dar um sentido ao próprio ser e agir. Também neste caso a música pode ajudar-nos na reflexão.

■ **Ver... com os olhos do espírito**

Michael W. Smith é um dos mais famosos artistas da música no mundo, vendendo mais de 13 milhões de álbuns e alcançando, por 29 vezes, o primeiro lugar nas classificações nos Estados Unidos. Na canção *Come see* convida os seus ouvintes a ver o sofrimento e o mundo circunstante numa ótica diferente, para além dos esquemas e das convenções, dizendo: «Vem ver / vem ver com olhos espirituais / a porta

foi aberta / as correntes se quebraram / vem para casa». A melodia acompanha neste sentido de liberdade, no ver além daquilo que se percebe somente com os olhos.

O filósofo estadunidense Henry David Thoreau, dizia: «The question is not what you look at, but what you see».

O mesmo pensamento é expresso por **Fabrizio Moro** na sua canção *Sentado a olhar* onde nos estimula a ir adiante porque somos nós os artífices do nosso destino: «Tu permaneces tu permaneces / sentado a olhar/ mas quem não escreve a própria história / não pode decidir o final / e, então os medos confundem / se os sonhos que fazes não se realizam / e todos os pensamentos permanecem dentro».

O que se vê depende de como se olha. Porque o observar não é apenas um receber, um desvelar, mas é ao mesmo tempo um ato criativo (Soren Kierkegaard).

■ Ver... para além da realidade

See you again é um trecho musical do rapper estadunidense **Wiz Khalifa** interpretado junto com o cantor estadunidense Charlie Puth. Quem canta lembra os momentos mais belos passados com um amigo, que já morreu, e revê esta amizade com olhos diferentes pensando em um novo futuro juntos: «Foi uma longa jornada sem ti, amigo meu / e te direi tudo quando te rever / Fizemos muitos caminhos a partir de onde começamos / Sei que adorávamos caminhar pela estrada e rir / tive de ir mais longe / Olha as coisas de modo diverso, olha o projeto maior / Agora te vejo num lugar melhor / nos vemos num lugar melhor».

Esta canção bateu record no número de escutas num único dia na plataforma de streaming Spotify com 4,2 milhões de escutas e foi o segundo mais vendido em 2015 com 13,2 milhões de cópias distribuídas em todo o mundo. Com mais de 3 bilhões de visualizações no YouTube é o segundo vídeo mais visto de todos os tempos. Sem dúvida o tema, a melodia e o sucesso do filme do qual foi coluna sonora, o decretaram como o trecho musical que melhor relata o ver diversamente para interpretar as situações da vida que nem sempre são felizes e satisfatórias.

Aprender a ver é o tirocínio mais longo em todas as artes (Edmond De Goncourt).

■ Ver... para além do diferente

O recente sucesso planetário do filme *The greatest showman* nos ensina a ver quem está perto de nós sem os olhos estereotipados, mas olhando para além das aparências. O filme relata a história de Barnum, o excêntrico empreendedor e inventor do circo moderno, que recolhe em torno de si aqueles que são considerados os não homologados do mundo, os cidadãos de segunda classe, porque de algum modo escolheram a diversidade, ou então a vida escolheu para eles. Ele consegue dar-lhes uma dignidade e defendê-los do mundo externo que não os quer aceitar. Uma das protagonistas, na canção *This is mede fato canta*: «Eu não sou uma estranha no escuro / Esconde-te, dizem / porque não queremos as tuas feridas / Ninguém te amará como és / mas não deixareis que me destruam em mil pedaços / Sei que existe um lugar para nós / porque somos gloriosos / Eu sou quem sou destinada a ser, esta sou eu / Não tenho medo de ser vista / Não me desculpo, sou eu». Esta canção torna-se assim um hino para olhar-se com dignidade e com orgulho não obstante as dificuldades e as misérias da vida, para fazer uma leitura nova da própria existência, interpretando os próprios sinais e as próprias potencialidades. Neste mundo onde a aparência estética é dominante, o ver-se de modo diferente torna-se uma real possibilidade de crescimento e amadurecimento pessoal, para além das convenções sociais ou dos esquemas propostos pela sociedade atual.

Com efeito, interpretar os sinais que a vida nos dá é uma ação complexa que requer reflexão e tempo, mas todo educador deveria empenhar-se neste aspecto para permitir aos jovens compreender-se e interpretar-se melhor à luz dos dons e das potencialidades que cada um deles tem.

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Ver e interpretar na fase da pré-produção de um vídeo

■ **Caterina Cangia**
sistemem@thesistemem.it

Escrever o roteiro e realizar o storyboard para um vídeo é uma ocasião festiva para exercitar-se para “ver” e “interpretar”, nós e os jovens mais empenhados do Centro Juvenil. Uma ocasião que poderia inspirar uma série real e verdadeira de vídeos do tipo: “As bem-aventuranças evangélicas dos jovens de hoje”. Uma Filha de Maria Auxiliadora que acompanha os jovens animadores, colaboradores em sua ação pastoral, é feliz quando passa o tempo com eles, escutando suas histórias e convidando-os a fazer disso material para realizar a inexaurível série citada. E, precisamente por meio da escrita de vídeos na fase da pré-produção, seria possível inculturar o Evangelho em vista da evangelização da cultura juvenil ou, pelo menos, de fazê-la confrontar-se com a Palavra.

O que se “viu” e “escutou” da realidade juvenil graças à companhia que generosamente demos, é depois “interpretado”. Eis, então, que o roteiro e o *storyboard* terão uma direção construtiva porque, mesmo ficando constantemente apegados à realidade, a interpretarão à luz da Palavra.

■ A importância do pré-produzir

A pré-produção é uma fase do videomaking altamente formativa, porque ela se concentra totalmente nos conteúdos como também sobre a modalidade de apresentá-los. Preparando o Sínodo sobre os jovens ativamos a reflexão sobre as Bem-aventuranças evangélicas hoje vividas pelos jovens. Este é o tema. Durante a pré-produção temos a ideia forte a ser comunicada, a qual precisa do roteiro e do *storyboard* correto para atingir muitos outros jovens. Procuramos, juntamente com eles, as palavras certas, os sons e as imagens certas para alcançar e “tocar” os jovens, Colocamos junto os pedaços do quebra-cabeça (som, imagens, animações) com a lógica certa de comunicação e emoção para fazer com que

os jovens vejam, entendam e sejam convidados à ação.

Enquanto escrevemos para o vídeo, lembramos que escrevemos para os olhos e não só para os ouvidos, e temos sempre presente os nossos objetivos e o público Juvenil. A fase da pré-produção não consiste só em escrever, mas também ajuda a ter uma ideia precisa das pessoas que trabalharão no nosso vídeo, do equipamento necessário e dos lugares aonde deveremos nos dirigir.

O roteiro é escrito em páginas divididas em duas colunas: uma reservada à descrição do que se vê e a outra à descrição do que se escuta. Este é um formato muito cômodo que tem presente todos os elementos a serem inseridos na Bem-aventurança evangélica escolhida. Duas colunas. Na primeira é escrita a parte gráfica ou os títulos ou as legendas com os efeitos gráficos que as acompanham. Depois é descrito o ambiente onde se roda a cena, e o momento do dia (ou dia ou noite ou meio-dia). O set descreve os requisitos presentes na cena como: móveis, instrumentos, as decorações e os recursos (cabos particulares, baterias, etc.) A etiqueta “atores” descreve os atores e as suas ações cênicas. Na coluna do áudio são elencados todos os elementos que escutamos: música, efeitos sonoros, *voice over* a fala dos atores. Os elementos da coluna áudio são, em seguida, perfeitamente alinhados com os elementos da coluna vídeo. Assim se estrutura a bem-aventurança evangélica em curso, se estrutura.

■ Estender um *storyboard* ou traduzir palavras em imagens

Toda história começa com as palavras, escritas ou faladas. O *storyboard* é uma das práticas mais animadoras a serem postas em prática com os jovens e para os jovens. Devemos decidir – juntos – quais enquadramentos descrevem melhor o roteiro preparado. Em certo sentido, a fase *storyboard* é comparável ao dirigir o filme no papel, porque transforma todos os elementos do roteiro em particulares enquadramentos. Quando os desenhos estão terminados, é oportuno acrescentar sugestões sob forma de setas, para que, quem fizer as projeções as tenha claras. As *flechas brancas* indicam instruções para a máquina filmadora ou seja os movimentos da máquina como *zoomar* para engrandecer e *zoomar* para reduzir. São

desenhadas *flechas negras* para indicar o movimento dos elementos dentro da enquadramento. Por exemplo, flechas negras posicionadas ao lado da mão do ator indicam que deve movê-la como para saudar.

O *storyboard* concentra-se na linguagem visual do nosso vídeo. Não é necessário desenhar bem, bastam figuras estilizadas para expor as próprias ideias. No final do nosso trabalho, na fase da pré-produção teremos preparado a etapa sucessiva das projeções e teremos também “visto” e “interpretado” as bem-aventuranças evangélicas dos jovens de hoje. Teremos vivido um tempo estimulante para a criatividade e inesquecível porque transcorrido com eles.

Descrever as enquadramentos

Conhecer a gramática da escrita vídeo torna compreensível o nosso texto a quem o projetar depois. Os *campos* são enquadramentos em que é dada a preeminência ao espaço onde se movem os atores, enquanto os *planos* são concentrados nos atores, na sua totalidade e nos detalhes.

Primeiro plano (PP) – a figura tomada do pescoço para cima, põe em relevo momentos do diálogo.

Primeiríssimo plano (PPP) – o rosto ocupa a enquadramento inteira pois exprime a intimidade do sujeito.

Particular e Detalhe (PART e DET) – focaliza a atenção apenas sobre um aspecto.

Meio primeiro plano (MPP) – o sujeito é tomado dos ombros para cima.

Plano americano (PA) – o rosto não é mais o protagonista, mas é substituído pelo corpo.

Figura inteira (FI) – O personagem é enquadrado de maneira completa, dos pés à cabeça.

Os campos: médio (CM), longo (CL) e longuíssimo (CLL) descrevem o espaço.

Descrever os movimentos de máquina

A panorâmica é uma tomada obtida pela rotação ou inclinação da MDP sobre o próprio eixo. É um movimento de máquina que apresenta ambientes e pessoas.

Quando a MDP é fixada sobre um carrinho obtém-se como enquadramento um ajuntamento. O movimento da MDP pode ser para a frente, para trás, lateral ou oblíquo.

Na *máquina a mão* a MDP não está fixa num meio mecânico e é mantida, pelo operador, entre as mãos ou nos ombros.

Os parâmetros de referência de uma enquadramento geralmente são dois: angulação (esquerda, direita, centro) e inclinação (no nível dos olhos, no chão e outras). Em base a estes dois elementos é possível pensar em uma variada quantidade de tomadas.



A cultura vocacional

Oi, caríssimos Amigos!

Aqui estou, sou Camilla, renovada neste ano para a difusão da famosa “cultura vocacional”.

Sabeis do que estamos falando?

Para nós, educadoras e educadores, a palavra cultura é grande coisa, e se falarmos também de cultura vocacional, será ainda mais intensa, porque veremos a possibilidade de um crescimento significativo das vocações.

Sabeis o que experimentei para confirmar?

Quando as irmãs e os educadores mostram o rosto com um belo sorriso ao acolher os alunos, também eles sorriem. Quando suspendemos o trabalho com documentos para conversar com uma jovem, a ela agrada encontrar alguém para compartilhar a vida. Quando no pátio se veem os jovens compartilhando com os educadores e as irmãs, tudo é mais bonito.

Ah! Lembro-me dos tempos do meu Oratório, éramos felizes com a presença das irmãs entre nós, e todas queríamos nos tornar como elas.

Onde estão hoje as irmãs? Como conhecer a realidade juvenil se não estamos com eles?

Parece-vos que estamos descobrindo o significado da “cultura vocacional”? Eu não entendo muito, mas sinto que Dom Bosco nos fala hoje, como nos tempos da carta de 1884. *Estais lembradas?*

O convite do Papa Francisco a fazer um Sínodo sobre os jovens, agradou-me muito. Na realidade jamais um Papa anterior a ele escolhera organizar uma Reunião Pré-sinodal para escutar a voz deles. *E vós, o que pensais?* Eu estou muito curiosa para saber como será este Sínodo. As pessoas dizem que o Papa está criando um contexto que desafia os jovens e os animadores dos jovens.

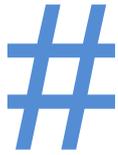
Lembraí-vos: cultura, clima, presença, escuta e proposta. *Nós tentamos?* No próximo encontro é certo que tu e eu tenhamos alguma experiência para contar a fim de colaborar ao crescimento da cultura vocacional.

Façamos uma surpresa a Madre Yvonne que, muitas vezes nos solicita a este empenho. Lembro que uma Diretora, ao saudar os jovens do MJS num bom dia, disse: “Jesus continua a fascinar e a chamar quem sonha viver o risco de amar até as últimas consequências. É por acaso algum de vocês?”

Caros amigos, vamos juntos fazer o convite?

Palavras de Camilla!





Espiritualidade Juvenil Salesiana



Eu escrevo para você...

«A alegria é sinal de um coração que ama muito o Senhor» Carta 60

Para Madre Mazzarello a alegria é sinal de algo mais, é sinal de um grande amor a Deus e ao próximo e, portanto, de uma liberdade interior que impele sempre para além do dever, impele para um dom de si que persevera no tempo. A alegria é aquela realidade visível que brota de uma realidade invisível: o coração unido, o coração habitado pelo amor de Deus. Quem ama Deus e os irmãos entra naquele espaço interior em que se experimenta uma profunda paz e consolação mesmo em meio a dificuldades e sofrimentos. Isso comporta o viver “com gosto”, e compartilhar com os jovens a plenitude da vida, de ensinar o caminho rumo ao coração unificado: tudo isso não o ensinam os livros, mas uma vida vivida continuamente em companhia de Deus e dos homens.

A espiritualidade da alegria

Tantas vezes Madre Mazzarello convida a viver com alegria, viver em plenitude o amor de Deus e dos próximos e libertar a vida verdadeira em toda parte.

«É possível ser alegres hoje. A alegria jorra de uma fonte inexaurível e cristalina: a alegria de viver uma profunda amizade com Jesus! Ele mesmo nos disse: «Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena. Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos tenho amado. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos» (Jo 15, 11-12). As palavras de Jesus nos fazem entender que é sim importante ser difusores de alegria, mas o que conta verdadeiramente é ser testemunhas na simplicidade do cotidiano, por meio de gestos de amor no trabalho, até dar a vida por amor.

Doai gestos de amor e sereis geradores de vida. Sede testemunhas de Jesus e semeareis alegria verdadeira e duradoura em vossa existência e na existência de tantos jovens que a procuram nem sempre por estradas verídicas e autênticas. O mundo tem necessidade de luz para encontrar um sentido à vida, para enxergar a direção certa a ser seguida. Os jovens e os jovens de hoje estão em busca desta luz para caminhar com confiança rumo ao futuro. A alegria, que nasce da presença de Jesus vivo nos vossos corações, é aquele raio de sol que transforma as cores da vossa existência e contagia de esperança a todos quantos encontrais no vosso caminho» (Carta de Madre Yvonne Reungoat aos Jovens do MJS, Roma - 2013).



«Queridos jovens...
Ide pelas estradas
seguindo a paixão
do nosso Deus para
encontrá-Lo no
pobre, no migrante,
no próximo».

(Papa Francisco)

